

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ELLEN DE SOUZA BONFIM

**A SOCIEDADE BÍBLICA BRITÂNICA E ESTRANGEIRA E A DIFUSÃO DE
IMPRESSOS NO BRASIL (1818-1839)**

ARACAJU - 2014

**A SOCIEDADE BÍBLICA BRITÂNICA E ESTRANGEIRA E A DIFUSÃO DE
IMPRESSOS NO BRASIL (1818–1839)**

ELLEN DE SOUZA BONFIM

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha Educação e Formação Docente – Universidade Tiradentes.

PROF.^a DR.^a ESTER FRAGA VILAS-BÔAS CARVALHO DO NASCIMENTO

ARACAJU – 2014

**A SOCIEDADE BÍBLICA BRITÂNICA E ESTRANGEIRA E A DIFUSÃO DE
IMPRESSOS NO BRASIL (1818–1839)**

ELLEN DE SOUZA BONFIM

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-graduação em Educação na linha Educação e Formação Docente – Universidade Tiradentes.

APROVADA EM: 13 DE FEVEREIRO DE 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (Orientadora)

Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento (Membro Externo da Banca)

Prof. Dr. Cristiano Ferronato (Membro Interno da Banca)

Prof.^a Dr.^a Simone Silveira Amorim (Membro Suplente da Banca)

ARACAJU – 2014

B713s Bonfim, Ellen de Souza

A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a difusão de impressos no Brasil (1818-1839) / Ellen de Souza Bonfim ; orientação [de] Dr^a Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do Nascimento. – Aracaju, 2014.

xii, 67 f. : il
Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Educação). – Universidade Tiradentes, 2014

1. Impressos. 2. Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. 3. Educação Protestante. I. Nascimento, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do (orient.) II. Universidade Tiradentes. III. Título.

CDU: 37.018.5:283/289

A Deus, pelo dom da vida e da sabedoria.

Aos meus pais, esposo e filha, amores de minha vida.

À Prof.^a Dr.^a Ester, pela confiança e oportunidade.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente a Deus, pela força e sabedoria depositadas em mim, principalmente nos momentos difíceis em que pensei em desistir. O Senhor é o meu pastor!

Aos meus pais, razões da minha vida. Foi com os senhores que aprendi a ser quem sou e me orgulho muito disso. À mãe, fonte de amor, dedicação, responsabilidade e, acima de tudo, fonte de amizade. Pela ajuda com Letícia, juntamente com pai e irmãos, enquanto eu ficava trancada em casa estudando. Minha melhor amiga, eu te amo demais! Ao pai, meu exemplo de homem, meu herói. Amo muito!

Aos meus irmãos, Mércia, Júnior e Marcelo, segundos pais. É um orgulho ter nascido entre vocês e ter sido criada por vocês. Minha irmã, minha segunda mãe. Meus irmãos, eterna fonte de inspiração. Sou fã número um de vocês. Amo demais!

Aos meus cunhados, Lea, Marília, Alisson, André e Isaac. Adoro vocês. Obrigada por cada vibração com minhas conquistas. Vocês são especiais!

À Família Ramos: minha nova família, por ter sempre me acolhido bem e por todo incentivo. Sogros, Ramos e Célia, obrigada pelo incentivo e por me acolherem como uma filha. Vocês são exemplos de educadores para mim! As minhas “concunhadas”, Patrícia e Vanessa, pela amizade e força.

Ao amor de sete anos, Lucas Ramos, pelo presente maravilhoso chamado Letícia, pela paciência nos meus momentos de crise, de ignorância e desespero, quando estava apressada para atender aos prazos do Mestrado. Você é o homem da minha vida e a nossa bebê é a prova de que todo esse amor é verdadeiro. Pelo pai que você é, fazendo quase sempre o meu papel de mãe, nas horas em que eu estava ausente devido a correria dos estudos. Por cada palavra de incentivo, por cada florzinha que me dera, enquanto eu estava na frente do computador sem conseguir escrever uma linha do meu texto e por tantas outras situações. Você sempre se orgulhou de mim e essa vitória também é sua. Enfim, obrigada por fazer parte da minha vida. Amo demais!

Ao presente mais lindo que já ganhei na vida: minha filha! Foi durante o curso do Mestrado que descobri que estava grávida. Foi durante o curso de Mestrado que você nasceu! Esse período da minha vida vai ficar marcado duplamente! Todo o meu esforço, toda a minha luta é pensando em você. Lelê, mamãe te ama demais!

Aos “pequeninos da tia”, Eric, Laís e Isabela, por fazer a minha vida mais doce. A titia “Gato” ama muito vocês!

Às amigas de infância: Helda, Thaís, Arianny, Rayanne, Mariana, Renata e Vânia, pela amizade infinita e por entender a minha ausência, sempre vibrando com minhas conquistas e se orgulhando de mim! Amo vocês!

À minha comadre querida, Thayse, pela amizade e companheirismo, sempre preocupada em perguntar: “a quantas anda o Mestrado, feinha?”. Eu te amo muito, minha irmã. Você faz parte dessa conquista!

À minha orientadora de IC e de Mestrado, Prof.^a Dr.^a Ester Nascimento, pelos mais de cinco anos de caminhada na pesquisa, pela oportunidade, pela confiança, pelas orientações, pelos “puxões de orelha” nas horas certas, pelas palavras de incentivo quando eu mais precisava e pela sua simplicidade. A senhora é um exemplo de pessoa e de profissional. Muito obrigada por tudo!

Aos professores doutores, Jorge Carvalho do Nascimento e Cristiano Ferronato, pelas valiosas contribuições ao meu trabalho. Vocês são verdadeiros exemplos de pesquisadores!

Aos professores das disciplinas do curso de Mestrado: Ilka Miglio, André Berger, Raylane Navarro, Dinamara Feldens e Cristiane Porto, pelas orientações durante o primeiro ano do curso. Vocês fizeram a diferença!

Às meninas da secretaria do Mestrado: Thayse e Ana, por nos salvar nos momentos de correria e pela amizade construída durante o período da pesquisa.

Às amigas de pesquisa e do coração: Mestres Nicole Bertinatti, Priscila Alcântara e Mirianne Almeida. Vocês sempre me inspiraram a seguir este caminho. Adoro vocês!

Ao colega de pesquisa, Wadington Ferreira, pela parceria nas traduções e nas aprendizagens sobre pesquisa.

À minha querida, Tâmara, pela caminhada que trilhamos juntas: curso de Matemática Licenciatura e agora o curso do Mestrado em Educação. Minha parceira de lamentações, de congressos, de alegrias, minha corretora ortográfica, minha co-orientadora, meu braço direito! Foi com você que dividi todas as angústias e alegrias desse Mestrado! É com a maior honra que concluo mais um curso ao seu lado. Sou sua fã!

Ao amigo, Mestre e doutorando, Marcus Aldenison, amigo do curso de Matemática Licenciatura e de Mestrado, pela amizade, pela animação nos momentos difíceis, pela companhia nos congressos e pela troca de conhecimento.

Aos meus familiares em geral: vós, primos, tios, que acreditaram em mim. Muito obrigada!

À Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC-SE), pelo apoio financeiro durante o período em que fui bolsista.

À Universidade Tiradentes, também pelo apoio financeiro até o momento em que pude ser bolsista e pela sua excelente estrutura, nos proporcionando maior comodidade na execução da pesquisa. É de empresas assim que o Brasil precisa para melhorar a Educação!

Enfim, a todos que contribuíram para a realização desse sonho. A vitória é nossa!

RESUMO

Embasada no campo da História Cultural, com ênfase na História da Educação, esta investigação objetivou identificar os membros da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira/BFBS e seus locais de atuação; entender de que maneira se deu a difusão de impressos protestantes no Brasil; e, enfim, compreender como a ação de difusão da palavra impressa contribuiu na implantação de igrejas e escolas protestantes no país. A documentação analisada é do período de 1818 a 1839, que corresponde ao primeiro lote de documentos que constam no acervo da Prof^{ra}. Dr^a Ester Nascimento, adquiridos na *Cambridge University*, Inglaterra. Sendo uma pesquisa bibliográfica e documental, foi analisado um conjunto de correspondência que foi enviada por 23 indivíduos: 14 agentes da BFBS, oito dirigentes da BFBS e um, provavelmente, agente da Sociedade Bíblica Americana/ABS. O recorte teórico-metodológico pauta-se no método indiciário utilizado por Carlo Ginzburg (1976) e, no conceito de “associações voluntárias” elaborado por Tocqueville (2000) e, posteriormente, ampliado por Weber (2002). Algumas indagações nortearam esta investigação, são elas: O que eram as Sociedades Bíblicas e como se estruturavam? Em que locais os indivíduos que faziam parte da Sociedade estavam inseridos? De que maneira distribuíram os impressos no Brasil? A hipótese elaborada foi que a ação dos membros da BFBS na distribuição de impressos auxiliou na implantação de igrejas e escolas protestantes no Brasil, a qual foi confirmada na realização deste estudo. Portanto, o interesse desta investigação se deu pela importância de estudos que colaborem com a História da Educação Protestante.

Palavras-chave: Impressos. Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Brasil. Inglaterra. História da Educação Protestante.

ABSTRACT

Based on Cultural History, with emphasis on History of Education, this research aimed to identify the members of the British and Foreign Bible Society/ BFBS and their areas of action; to understand how the diffusion of Protestants printed materials happened in Brazil; and finally, to comprehend how the spread of the printed word has contributed to the implementation of Protestant schools and churches in the country. The analyzed documentation is from 1818 to 1839, which corresponds to the first batch of documents PhD Esther Nascimento acquired at Cambridge University, England. Being a bibliographic and documental research, a set of correspondences that were sent by 23 individuals was analyzed: 14 agents BFBS, eight leaders of BFBS and one, probably, American Bible Society/ABS agent. The theoretical-methodological focus is based on the evidentiary method by Carlo Ginzburg (1976) and the concept of "voluntary associations" elaborated by Tocqueville (2000), later extended by Weber (2002). Some questions guided this research such as: What were the Bible Societies and how they were structured? Where individuals who were part of the Company were sent in order to work? How the printed material was distributed in Brazil? The hypothesis developed was that the action of members of the BFBS for printed distribution helped in the implementation of Protestant schools and churches in Brazil, which was confirmed in this study. Therefore, the interest of this research laid on the importance of studies that collaborate with new findings of the History of Protestant Education.

Keywords: Printed Materials. British and Foreign Bible Society. Brazil. England. History of Protestant Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1. A SOCIEDADE BÍBLICA BRITÂNICA E ESTRANGEIRA E A CORRESPONDÊNCIA DE SEUS MEMBROS.....	23
1.1 A Chegada da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Brasil.....	24
1.2 As Cartas dos Membros da BFBS.....	29
CAPÍTULO 2. A SOCIEDADE BÍBLICA BRITÂNICA E ESTRANGEIRA E A DISTRIBUIÇÃO DE IMPRESSOS NO BRASIL.....	37
2.1 Distribuição e Venda dos Impressos.....	38
2.2 Educação, Saúde e Questões Políticas.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Carta Mais Antiga Analisada.....	43
Figura 2. Carta do Agente E. G. Parker (1839).....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Agentes da BFBS Localizados no Brasil.....	31
Quadro 2. Membros da BFBS no Exterior.....	32
Quadro 3. Os Membros e Suas Funções.....	33
Quadro 4. Secretários da BFBS e Sua Equipe de Agentes.....	34
Quadro 5. Temas Contidos na Correspondência.....	35

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BFBS – Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (*British and Foreign Bible Society*).

ABS – Sociedade Bíblica Americana (*American Bible Society*).

INTRODUÇÃO

O presente estudo investigou a ação dos membros da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Brasil durante o período de 1818 a 1839, visando compreender como a distribuição de impressos protestantes auxiliou na implantação do Protestantismo no país.

Existiam duas Sociedades Bíblicas em meados do século XIX: a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (*British and Foreign Bible Society* - BFBS) e a Sociedade Bíblica Americana (*American Bible Society* - ABS). A primeira, inglesa, foi fundada em 1804 e a segunda, norte-americana, foi fundada em 1816.

As Sociedades Bíblicas eram instituições mundiais que tinham como finalidade a divulgação integral ou parcial da Bíblia na língua vernácula de cada povo. Tornar esse impresso acessível a todos, em uma linguagem compreensível e por um preço que muitos poderiam pagar, foi uma característica predominante dessas Sociedades. Logo, é possível afirmar que “(...) os impressos foram (...) um espaço educativo não formal, mas intencional, na divulgação de modos de ser e de proceder”, tendo assim “um papel importante na difusão do protestantismo no Brasil” (SILVA, 2009, p. 64-65).

Até o momento da finalização desta investigação, foi constatado que a primeira Sociedade Bíblica a chegar ao Brasil foi a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (BFBS), por isso, este estudo a tem como foco de análise. Na documentação que foi consultada, a carta mais antiga localizada é datada do ano de 1818; portanto, até então, é possível afirmar que a BFBS se instalou no Brasil na primeira metade do século XIX.

A motivação para a realização desta investigação está relacionada ao desejo de dar continuidade ao trabalho da pesquisa realizada na Iniciação Científica (de 2009 a 2011) sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ester Nascimento e assim contribuir com a História da Educação brasileira.

Através de algumas leituras sobre o tema, foram surgindo algumas indagações que se tornaram questões norteadoras para este estudo, tais como: O que eram as Sociedades Bíblicas e como se estruturavam? Quem eram os indivíduos que faziam parte dessas Sociedades? Em que locais estavam inseridos? De que maneira distribuíram os impressos no Brasil?

A partir das inquietações surgidas, é dado que a problematização da pesquisa está relacionada a investigar como a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (BFBS) colaborou na implantação do Protestantismo no Brasil, tendo em vista que a hipótese elaborada é de que

a ação dos membros da BFBS, através da distribuição dos impressos, auxiliou na implantação de igrejas e escolas protestantes no Brasil.

Com o problema de pesquisa delimitado, os objetivos formulados foram: identificar os membros da BFBS e seus locais de atuação; entender de que maneira se deu a difusão de impressos protestantes no Brasil e, por fim, compreender como a ação de difusão da palavra impressa contribuiu na implantação de igrejas e escolas protestantes no país.

Fundamentado na História Cultural, este trabalho insere-se ao longo da História da Educação. A partir dos anos 1980, as produções em História da Educação vêm contribuindo com a História Cultural, tanto no alargamento das fronteiras e com o seu diálogo com outros campos para a implantação de uma multiplicidade temática, quanto na adoção de novos objetos e a incorporação de fontes diversificadas de pesquisa, produzindo também sínteses analíticas e tendenciais. Para o historiador francês Roger Chartier (1990, p. 15), a História Cultural tem como objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Um estudo que analise a ação dos indivíduos que fizeram circular impressos protestantes no Brasil ajudará na compreensão da leitura e na interpretação da história nas escritas recentes da História da Educação.

Dessa forma, tem sido possível intensificar o diálogo com a Sociologia e utilizar ferramentas conceituais deste campo que contribuem na compreensão do objeto de pesquisa que me propus a investigar. Enquanto a Sociologia se preocupa com generalização da estrutura da sociedade, a História pode ser definida como o estudo das sociedades humanas com ênfase nas diferenças entre elas e nas mudanças verificadas ao longo do tempo em cada uma. No entanto, as duas abordagens são obviamente complementares, como afirma Burke (1997):

A revista [Annales], que tem hoje mais de sessenta anos, foi fundada para promover uma nova espécie de história e continua, ainda hoje, a encorajar inovações [...] Em primeiro lugar, [houve] a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras (BURKE, 1997, p. 11-12).

Através de um novo olhar para os objetos de estudo da História, “o pesquisador também passou a ter outro papel na construção do conhecimento histórico colocando-se como sujeito ativo, que indaga e problematiza. Tentando compreendê-la a partir da ação dos

indivíduos que escolheu”. Sendo assim, a História passa a resultar da “ótica escolhida pelo pesquisador”, sendo ela mundial ou não (BERTINATTI, 2011, p. 18).

Nessa perspectiva, esta pesquisa surgiu de um projeto de pesquisa guarda-chuva, elaborado pela Prof.^a Dr.^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, intitulado *Rede Brasil, Portugal e Inglaterra: circulação de impressos protestantes e outros impressos educacionais durante os Oitocentos (1818-1897)*. Em julho de 2010, a referida docente coletou uma vasta documentação na *Cambridge University*, das quais, as que aqui foram investigadas. É importante destacar que esta investigação analisa um ponto pequeno da documentação quando comparado ao universo de fontes coletadas.

Em se tratando de uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental, foi analisado um conjunto de correspondências manuscritas do século XIX. A documentação completa está dividida em lotes, e, para este estudo, foi analisado o primeiro lote, que corresponde aos anos de 1818 a 1839.

Dentro desse período, foram encontrados 34 documentos: 28 manuscritos em inglês, três em alemão e três orçamentos. Nesse universo, esta investigação analisou apenas as cartas em inglês. Logo após o levantamento das fontes, foi feita a transcrição e conseqüentemente a tradução, sendo identificados 23 indivíduos envolvidos nas ações.

Como procedimento metodológico, partindo de que “o próprio método, portanto, passa a ser concebido como instrumento de trabalho, como ferramenta que pode ser bem ou mal utilizada” pelo pesquisador no direcionamento de sua pesquisa (GRESPLAN, 2005, p. 293), foram necessários alguns cuidados nas análises, já que se trata de fontes históricas.

Sabido que a correspondência, dependendo do olhar do pesquisador, pode nos dizer muito ou pouco sobre determinada situação, foi utilizado o método indiciário utilizado por alguns autores, como é o caso do italiano Carlo Ginzburg (1976), em sua obra intitulada *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Na história que é contada em sua pesquisa sobre um moleiro do Norte da Itália, queimado por ordem do Santo Ofício, ele deixa claro que os métodos de investigação são imprescindíveis para tornarem as pistas antes “invisíveis” em indícios que servirão para o melhor entendimento de determinada época, cultura e outros afins. No caso deste estudo, sobre os homens que fizeram circular uma nova literatura religiosa no Brasil, foi utilizado o método indiciário a partir das correspondências produzidas por eles; “a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personagens individuais” (GINZBURG, 1976, p. 11, 20).

Em muitas cartas, eles se identificavam; em outras, através do uso do método, foi possível a identificação de vários fatores através das pistas, sinais e indícios deixados na documentação. De acordo com esse método, é necessária atenção aos pormenores reveladores, de modo a apreender e desembaraçar para além da superfície da correspondência.

Ao analisar a ação desses indivíduos e seu trabalho em conjunto, foi possível a utilização do conceito de “Associações”, de Tocqueville (2000). O autor traz em sua obra intitulada *A democracia na América*, a importância da associação para a realização em conjunto de algo, exemplificando o americano.

Os americanos de todas as idades, de todas as condições, de todos os espíritos, se unem sem cessar. Não apenas têm associações comerciais e industriais de que todos participam, mas possuem além dessas, mil outras: religiosas, morais, graves, fúteis, muito gerais e muito particulares, imensas e minúsculas; os americanos se associam para dar festas, fundar seminários, construir albergues, erguer igrejas, difundir livros, enviar missionários aos antípodas; criam dessa maneira hospitais, prisões, escolas. Enfim, sempre que trata de pôr em evidência uma verdade ou desenvolver um sentimento com o apoio de um grande exemplo, eles se associam (TOCQUEVILLE, 2000, vol. 2, p. 131).

Anos depois, durante a viagem do sociólogo Max Weber ao Congresso de Artes e Ciências dos Estados Unidos, foi identificado o surgimento de um novo tipo de homem, de personalidade livre, criado “pelas associações livres, nas quais o indivíduo tinha de provar sua igualdade com outros” (WEBER, 2002, p. 13). A partir daí, foi feita a distinção entre a Igreja Católica e os grupos religiosos que surgiram de acordo com os ideais de Martinho Lutero. Para Weber, a Igreja católica era uma comunidade composta por funcionários, que atribui dons da graça, sendo uma associação compulsória e obrigatória. Já as seitas que formam esses grupos oriundos do posicionamento de Lutero são chamadas de “associações voluntárias”, que apenas fazem parte delas aquelas pessoas que são qualificadas religiosamente¹.

É a partir dessa perspectiva que caracterizo a BFBS como uma “associação voluntária” (TOCQUEVILLE, 2000; WEBER, 2002), devido às suas características de associação e desenvolvimento de suas funções. As associações voluntárias, principalmente as protestantes, estão sempre ligadas ao desejo de difundir a Palavra Sagrada, que para seus membros são a

¹ Ester Nascimento (2011b, p. 360) completa esta informação ao enfatizar que “a Igreja Católica, desde a sua origem, possui uma organização administrativa vertical, na qual Deus fala com o povo por meio dos seus escolhidos – o Clero e seu representante maior, o papa. Já o Protestantismo caracterizou-se por uma organização horizontal. Deus fala diretamente com o homem por Sua Palavra – Bíblia Sagrada. Enquanto, no Catolicismo, a vinculação do indivíduo é compulsória, obrigatória; nas seitas puritanas, ele se une a uma delas voluntariamente. É uma decisão/adesão feita por indivíduos qualificados religiosamente”.

única fonte de sabedoria e salvação da humanidade. A associação, para Tocqueville (2000) é tratada como um dos triunfos para a conquista da civilização.

Dentre as leis que regem as sociedades humanas, há uma que parece mais precisa e clara do que todas as outras. Para que os homens permaneçam ou se tornem civilizados, é necessário que entre eles a arte de se associar se desenvolva e se aperfeiçoe na mesma proporção que a igualdade de condições cresce (TOCQUEVILLE, 2000, vol. 2, p. 136).

Ele afirma ainda que para uma associação ter força é necessário que os indivíduos encontrem “um meio de se falar todos os dias sem se ver e de caminhar a passos uniformes sem se juntar”. Este é o caso dos integrantes da BFBS; era necessária a comunicação a todo o momento, através da correspondência, relatando os acontecimentos em determinadas regiões, para que o resultado da associação fosse positivo. A difusão dos impressos aumenta à medida que mais pessoas são atraídas para o Protestantismo, pois, há a certa possibilidade de criação de mais associações².

Outros autores também são importantes para o melhor entendimento da área em que esta pesquisa se encaixa. Vinculado à História Cultural, utilizo as contribuições do historiador inglês Peter Burke. Sua obra intitulada *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução francesa da historiografia* foi de grande importância para que fosse possível compreender parte do movimento dos Annales. A leitura dessa obra serviu para me propiciar uma visão sintética do que foi esse movimento. Peter Burke (1997, p. 7) afirma que o surgimento da História Cultural se fez necessário, pois:

Se a história [...] era filha do seu tempo, não seria possível continuar a fazer esse tipo de história convencional que nem correspondia aos anseios de uma humanidade que vivia, nessas décadas, momentos de convulsões e rupturas com o passado, nem conseguia responder satisfatoriamente às exigências do novo homem que daí surgia.

Outro pesquisador utilizado foi Ephraim de Figueiredo Beda, no que se refere aos impressos protestantes. Sua tese de doutorado intitulada *Editoração evangélica no Brasil:*

² Para Tocqueville (2000, vol. 2, p. 138) “existe, pois, uma relação necessária entre as associações e os jornais: os jornais fazem as associações e as associações fazem os jornais; e, se foi verdade dizer que as associações devem se multiplicar à medida que as condições se igualam, não é menos certo que a quantidade de jornais aumenta à medida que as associações se multiplicam.” Essa relação entre associação e jornais que é feita pelo autor, é a mesma relação que é percebida entre associação e a difusão dos impressos protestantes presentes na documentação.

troncos, expoentes e modelos, defendida em 1993, contribuiu para o entendimento acerca da literatura da imprensa evangélica.

Através da leitura do livro *Cordel: leitores e ouvintes*, escrito por Ana Maria de Oliveira Galvão, foi possível apreender de que modo podemos usar os impressos como fonte de pesquisa e, ao mesmo tempo, entender de que maneira eles circulavam em determinado período. A autora averiguou a prática da leitura de cordel entre os anos 30 e 50 do século XX em Pernambuco, levando em consideração a análise dos “leitores/ouvintes e das leituras/audições dos folhetos de cordel” (GALVÃO, 2001, p, 20). Para tanto, adotou como fonte de pesquisa os folhetos que circularam no período investigado e, além disso, recorreu a entrevistas realizadas com sobreviventes do período investigado.

Algumas dissertações também contribuíram com esta investigação. Nicole Bertinatti (2011) investigou de que modo a Escola Dominical Presbiteriana contribuiu para a implantação do Protestantismo no Brasil. Já a dissertação produzida por Priscila Silva Mazêo de Alcântara (2012) analisou a ação de Robert Reid Kalley na propagação de um modelo religioso e educacional no Brasil durante a segunda metade do século XIX. Mirianne Santos de Almeida (2013) realizou um estudo sobre a “*Coleção Folhetos Evangélico*” da biblioteca de Vicente Themudo Lessa para compreender a difusão de saberes e práticas educacionais e religiosas no Brasil, no período de 1860 a 1938. As três, seguindo uma mesma linha de pesquisa, me ajudaram na compreensão da área da educação protestante.

Com o foco no Protestantismo brasileiro, está o pesquisador Alderi Souza de Matos (2004), historiador ligado à Igreja Presbiteriana brasileira. Sua obra intitulada *Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)* colaborou no entendimento da trajetória daqueles que tinham como objetivo a evangelização. Em seu estudo, ele traz à tona a trajetória dos pioneiros até os educadores que lecionaram nos colégios evangélicos.

Outra obra importante foi a de David Gueiros Vieira (1980), *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*, ajudando na compreensão sobre a Questão Religiosa, fazendo relação direta com a influência da presença protestante no país. Além disso, trata sobre a luta dos acatólicos ao entrar no Brasil, em busca de direitos iguais aos dos católicos, travando uma disputa de território.

Relacionado à circulação de impressos, dois trabalhos merecem destaque. O primeiro é a dissertação de Sandra Cristina da Silva (2009). Diante de discussões de como se deu a chegada dos protestantes no Brasil e o que permitiu o estabelecimento deles, a autora abrange os modos de Educação, sejam eles escolares ou extraescolares, que foram propostos pelos

presbiterianos norte-americanos, principalmente para educar mulheres. Além disso, relata de uma forma bem ampla os espaços em que as mulheres atuavam, mostrando os vários segmentos da sociedade nos quais poderiam se situar, destacando sempre o ser: professora, mãe e dona-de-casa.

O segundo é a tese de doutoramento de autoria de Micheline Reinaux de Vasconcelos (2010). De forma objetiva, a autora esclarece várias questões que são normalmente levantadas a respeito da Imprensa e Impressos Protestantes. Foram identificados os tipos de impressos, para quem e para quais fins foram publicados no final do século XIX. Além de mostrar os principais responsáveis pela circulação destes no Brasil, foram abordadas as estratégias de circulação para a divulgação das suas publicações.

Outro texto sobre impressos que foi fundamental para a construção deste trabalho é de autoria do historiador Jorge Carvalho do Nascimento (2001), intitulado *Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas*, o qual ajudou a compreender o mundo impresso do século XIX.

Acerca da correspondência, dialoguei com ideias expostas por autores que publicaram no livro *Destino das Letras*³. Para Francisca Maciel (2002, p. 205), no capítulo intitulado *Cartas pedagógicas. Fragmentos de um discurso*, “o uso epistolar da escrita, a correspondência, revelando a interlocução entre as pessoas, constitui-se em um gênero discursivo privilegiado para o estudo das representações na perspectiva da história cultural.” É com a mesma perspectiva que objetivo, através deste trabalho, compreender a ação dos membros da BFBS através dos escritos. Escritos esses que, no âmbito da História Cultural, se tornam importantes meios de se fazer História. Ao analisá-los,

[...] o abnegado historiador encanta-se ao ler os testemunhos de pessoas do passado, ao perceber seus pontos de vista, seus sofrimentos, suas lutas cotidianas. Com o passar dos dias, ganha-se familiaridade, ou mesmo certa intimidade, com escrivães e personagens que se repetem, nos papéis. Essa é a vida da pesquisa: dura, cansativa, longa, mas gratificante, acima de tudo (BACELLAR, 2005, p. 24).

Para remeter ao passado, utilizei os textos intitulados *As Marcas do período e População e Sociedade*, ambos escritos por Alberto da Costa e Silva, publicados no livro *História do Brasil Nação: 1808-2010. Crise Colonial e Independência (1808-1830)* e dirigido por Lilia Moritz Schwarcz. Através desses artigos, foi possível contextualizar, mesmo que

³ O livro *Destinos das Letras* foi organizado por Maria Helena Camara Bastos, Maria Tereza Santos Cunha e Ana Chrystina Venâncio Mignot.

superficialmente, o período em que o Brasil se encontrava quando a BFBS chegou para desenvolver seus trabalhos.

Sobre o entendimento da influência da cultura alemã em relação à cultura brasileira, foi utilizada a obra de Jorge Carvalho do Nascimento, intitulada *A cultura ocultada* ou *A influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX*. O texto lido é embasado principalmente nos pensamentos de Tobias Barreto e Silvio Romero, mostrando as principais influências da cultura alemã para o Brasil. Vale ressaltar que essa cultura trouxe benefícios para vários setores brasileiros.

Baseado nessa perspectiva, este trabalho divide-se em dois capítulos, mais a introdução e considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado *A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a Correspondência de seus Membros*, trato sobre o que são as Sociedades Bíblicas, quais os seus objetivos, como se estruturavam, como chegaram ao Brasil, quem eram seus membros, em quais locais se inseriram.

No segundo capítulo, intitulado *A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a Distribuição de Impressos no Brasil*, foram feitas análises por ordem dos temas mais abordados, identificando as maneiras utilizadas para difundir os impressos no país.

CAPÍTULO 1. A SOCIEDADE BÍBLICA BRITÂNICA E ESTRANGEIRA E A CORRESPONDÊNCIA DE SEUS MEMBROS

Foi a partir do rompimento de Martinho Lutero com a Igreja Católica, em 1517, que se iniciou um movimento que mudaria a forma com que os cristãos se posicionariam junto às instituições religiosas. Uma das posturas era que o ser humano teria a liberdade de interpretar toda e qualquer literatura bíblica. O ato de “protestar” contra a Igreja Católica, deu origem ao que chamamos de Protestantismo, uma nova corrente do Cristianismo, e o surgimento das primeiras igrejas: Luterana, Calvinista, Presbiteriana, Metodista e Batista.

Na cultura protestante, “a leitura e a fé estão interligadas”. O acesso à leitura era imprescindível para o crescimento intelectual e moral de todo indivíduo. Martinho Lutero, na construção de seus ideais,

[...] estabeleceu um método construído a partir de um currículo básico composto das disciplinas leitura, escrita, aritmética, história e religião, o qual ensinava o vernáculo, unificando, assim, o ensino, e colocando o aluno diante do plano da salvação da alma por Deus e, através de uma boa educação pública, ele tornar-se-ia um cidadão digno de uma sociedade educada, sábia e honrada (NASCIMENTO, E., 2007, p. 11-12).

A fim de proporcionar a liberdade e o direito de construção do conhecimento religioso, era necessária a difusão dessa nova vertente religiosa através da educação dos indivíduos. Para conquistar territórios até então crentes somente no Catolicismo, no caso desta investigação, o território brasileiro, era preciso tornar a literatura religiosa acessível a todos. O acesso à Bíblia, principalmente, era limitado. Poucos eram os que tinham condições de adquirir esse material, tão pouco entender a sua linguagem. Apenas alguns dos clérigos tinham o contato, na época, com a Bíblia.

Para isso, também foram criadas as Sociedades Bíblicas. Essas instituições prescreviam o percurso de comunicação dos seus impressos, definindo os temas e seus integrantes. As Sociedades Bíblicas eram compostas de agentes, colportores e seus dirigentes. Os agentes e colportores eram os responsáveis pela distribuição dos impressos no país em que estivessem inseridos. Os dirigentes estavam localizados nas sedes das Sociedades.

Segundo Ester Nascimento (2007), o agente tinha nível superior e era o responsável pelos colportores que realizavam atividades de distribuição de impressos em determinado país. Já o colportor, tinha formação primária e era responsável pela distribuição nos lugares

mais afastados das cidades. Para Vasconcelos (2010, p. 178), “dentre as estratégias de distribuição dos impressos protestantes pelo país, a que mais se destacou foi o emprego dos colportores”. O colportor também era conhecido como

[...] mascate ou vendedor ambulante de impressos, agente de difusão de saberes existentes e de práticas que serão clivadas pelos leitores após os usos feitos com o impresso. [...] O mascate carregava sempre consigo uma sacola ou cesta comprida, aberta e na sua frente, pendurada no pescoço, com almanaques, livros e folhetos. Por causa dessa sacola portátil ao pescoço, foi que os franceses denominaram-no de *colporteur* (NASCIMENTO, E., 2007, p. 7).

Para distribuir os impressos, “o colportor realizava longas caminhadas, deslocava-se para as residências, com a finalidade de expor o material e oferecer informações sobre o evangelho”. Era seu papel também, observar os lugares que estavam mais apropriados a receberem instalações de igrejas e escolas (ALCÂNTARA, 2012, p. 75).

O trabalho dos colportores “foi de suma importância para a divulgação da nova fé”. Além da distribuição dos impressos é importante destacar que eles “pregavam, além de distribuir e vender literatura protestante” (VASCONCELOS, 2010, p. 160).

Uma das obrigações atribuídas aos colportores era a troca de informações⁴ através de correspondência com os agentes que estavam responsáveis pela região, “de modo que o agente acompanhasse todo o movimento dos seus subordinados”. Feito isso, os agentes mandavam cartas para os dirigentes, relatando tudo que ocorria no país no qual estavam inseridos, fossem assuntos pessoais ou profissionais (NASCIMENTO, E., 2007, p. 16).

1.1 A Chegada da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Brasil

No início do século XIX, Napoleão Bonaparte decretou o bloqueio continental contra a Grã-Bretanha, em que os “britânicos não mais deveriam comerciar com os demais europeus nem ter acesso aos portos destes. O bloqueio impunha-se a todos, inclusive a Portugal, que deveria fechar suas costas aos navios da Inglaterra, sua aliada histórica” (SILVA, 2011, p. 23).

⁴ Através desse diálogo, destaco a importância da comunicação e interação de grupos, através de DARNTON (2005, p. 77), quando afirma que “o processo de comunicação se dava de diversas maneiras em muitos ambientes. Sempre envolvia discussão e sociabilidade, portanto não era simplesmente uma questão de mensagens transmitidas por uma linha de difusão e receptores passivos, mas sim um processo de assimilação e reelaboração de informações em grupo”.

Por não aderir ao bloqueio e, conseqüentemente, não aceitar declarar guerra à Inglaterra, Portugal foi invadido por franceses e espanhóis. Segundo Silva (2011), devido à invasão, D. João VI, “regente do reino desde praticamente 1792, por incapacidade de sua mãe, a rainha D. Maria I, que enlouquecera, optou por transladar-se com sua corte para o Brasil.” Assim feito, o príncipe e seu governo ainda continuariam em terras portuguesas. Os franceses estavam controlando apenas o Portugal europeu (SILVA, 2011, p. 23).

O Brasil passou por muitas mudanças antes mesmo da chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro, em 8 de março de 1808. Quando chegou à Bahia, decretou a abertura dos portos às nações amigas, “desfazendo num só ato o que era da essência da condição colonial: o monopólio do comércio exterior pela metrópole.” O Brasil foi se tornando de grande importância para o Império português, seja como “produtor, exportador, importador e consumidor” (SILVA, 2011, p. 25).

O Rio de Janeiro, em 1808, se transformou na capital do Império português. Em tudo, tentava-se recriar Lisboa. Passado alguns anos de embates entre os portugueses da Europa e os invasores, D. João VI, após a derrota definitiva de Napoleão em 1815, já poderia voltar a Portugal sem perigo. Por sentir-se bem no Brasil, não desejava voltar imediatamente a Lisboa, devido à busca de manter distância das intrigas europeias. Permanecendo no Brasil, em dezembro de 1815:

[...] alçou o Brasil à condição de Reino Unido a Portugal e Algarves. E, possivelmente, pretendia do Rio de Janeiro, governar esse Reino Unido. Tanto era assim, que resistiu o quanto pôde às pressões para retornar a Lisboa e fez questão de, após a morte de D. Maria I, ser aclamado rei, no início de 1818, em terra americana (SILVA, 2011, p. 26).

A correspondência mais antiga analisada nesta investigação é desse mesmo ano (1818). Até o momento da realização desta investigação, é possível afirmar que 1818 foi o ano da chegada da BFBS ao Brasil, em meio a todas essas transformações políticas e econômicas que estavam ocorrendo no país.

Além das mudanças econômicas e políticas que o Brasil sofreu com a chegada da Corte portuguesa, foi influenciada também a mudança no modo de vida, principalmente, das classes dominantes. Segundo Silva (2011, p. 51)

A própria D. Carlota Joaquina, esposa de D. João, ao percorrer, montada a cavalo, as ruas da cidade, desmoralizou o costume de ficarem as mulheres encerradas em casa, assim como o de saírem à rua embuçadas, como se fossem muçulmanas. (...) Houve homens que não se conformaram com as

novidades e continuaram a manter suas esposas e filhas fechadas em casa, só saindo para ir à igreja, acompanhar procissão e cumprir o menor número possível de obrigações sociais. E possivelmente a maioria das mulheres viu, de início, no comportamento ruiu das outras, falta de recato. Ou, pior, de vergonha.

Quanto aos homens, principalmente os proprietários rurais e negociantes, espelharam-se nos “aristocratas que acompanhavam D. João VI ou vieram logo depois para sua companhia. Até mesmo o comportamento de seus fâmulos passou a ser copiado” (SILVA, 2011, p. 58).

Os membros da BFBS, quando chegaram ao país, mesmo este estando em fase de mudanças, iniciaram um trabalho de divulgação e propagação das ideias protestantes no país, expedindo Bíblias e Novos Testamentos através da embaixada inglesa, por portadores diretos, por comerciantes e pelos comandantes de navios. De forma geral, “a presença protestante no Brasil teve início quando os ingleses, 1810, passam a se estabelecer no Brasil, devido à abertura dos portos e, conseqüentemente, ao vantajoso comércio que os Britânicos realizavam no Brasil e com os súditos da coroa portuguesa” (VASCONCELOS, 2010, p. 23-24).

Quando chegaram ao Brasil, os protestantes tinham como tarefa específica a divulgação do Evangelho. No país, encontraram fatores favoráveis à sua implantação: o índice de analfabetismo era grande, os indivíduos não tinham fácil acesso à Bíblia tanto pelo seu preço alto, quanto pela linguagem em que era escrita. Tudo isso, seria contornado, já que a educação seria usada como estratégia posterior, e então, seria mais fácil a conquista do território⁵.

Para conquistar a confiança dos brasileiros, além de tudo, era preciso demonstrar força de vontade e persistência na execução dos trabalhos, o que eles tinham de sobra. Faziam parte de uma associação voluntária “que se forma na vida civil e cuja finalidade nada tem de política” (TOCQUEVILLE, 2000, vol. 2, p. 131).

O Brasil estava passando por grandes mudanças durante o Império, principalmente, quando se tratava de religião.

Todos os estudiosos da Questão Religiosa no Brasil são acordes em que a Igreja Católica nacional estava numa condição muito precária durante o

⁵ Alexis de Tocqueville (2000, vol. 2, p. 127) afirma que “por uma ação espetacular, pode-se granjear de repente a simpatia de um povo; mas, para conquistar o amor e o respeito da população, é necessária uma longa sucessão de pequenos serviços prestados, de bons ofícios escuros, um hábito constante de benevolência e uma reputação bem estabelecida de desprendimento”.

Império. Esta precariedade pode ser encarada de três pontos de vista: espiritual, político e econômico. Do ponto de vista espiritual é afirmado que o clero católico brasileiro tendia a ser ou ignorante ou heterodoxo, envolvido em política, negligente em seus deveres espirituais e flagrante violador das regras do celibato. Sobre o aspecto político, é destacado que estando sob o controle do Estado, o uso e o abuso do direito de padroado da Coroa enfraqueceu ainda mais a independência da Igreja. Esse enfraquecimento político é exemplificado pela subserviência da maioria do clero ao Governo, e, troca de cargos públicos. A fraca condição econômica da Igreja estava intimamente ligada à anterior. O Clero todo, desde o Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil até o padre da paróquia mais pobre, era pago pelo Estado. As cômputas tendiam a ser mesquinhas e permaneceram as mesmas durante décadas, a despeito da inflação e de um aumento constante no custo de vida (VIEIRA, 1980, p. 27).

Com isso, a Igreja católica via essa nova religião como uma ameaça, ou seja, “os protestantes tiveram que disputar, desde o início, o espaço religioso do país com a religião majoritária, e logo depois, rivalizar também com outros grupos religiosos” (VASCONCELOS, 2010, p. 14-15).

O Protestantismo, segundo Vieira (1980, p. 49), por causa de suas múltiplas seitas, era considerado um enigma para o público brasileiro.

Para complicar a questão, as várias seitas protestantes no Brasil, entre 1808 e 1875, a saber, o luteranismo, o anglicanismo, o metodismo, o congregacionalismo e o presbiterianismo, apresentavam-se de quatro ângulos diferentes e quase equidistantes: a) como “modernistas” indiferentes e irreligiosos; b) como moderadamente religiosos, mas pregadores do “progresso”, da indústria e do comércio; c) como zelosos pregadores do Evangelho e distribuidores de Bíblias; e por fim; d) como místicos e fanáticos messiânicos.

Quando a BFBS chegou ao Brasil, teve como um de seus objetivos, distribuir impressos, principalmente a Bíblia, para a parcela mais pobre, utilizando este ato como estratégia de implantação. Para chegar até a população com um novo pensamento religioso era necessária a união dos integrantes da Sociedade. Quando há a semelhança de interesses entre os homens, eles “acabam vendo, na associação, o meio universal e, por assim dizer, único, que os homens podem utilizar para atingir os diversos fins que se propõem”. É por isso que a BFBS é considerada uma associação voluntária, já que é composta por membros que se associam para buscar a concretização de um único objetivo: inserir o Protestantismo no Brasil. Logo, “cada nova necessidade desperta imediatamente a ideia de se associar. A arte da associação se torna, então, a ciência-mãe: todos a estudam e aplicam” (TOCQUEVILLE, 2000, vol. 2, p. 143).

É importante destacar que:

[...] nas primeiras décadas da distribuição de impressos protestantes no país, o Brasil estava inserido num circuito mais amplo de difusão da imprensa. Desde os primórdios da publicação e distribuição em português pelas Sociedades Bíblicas, em 1819, que não apenas o Brasil, mas Portugal e suas Colônias na Ásia e África receberam as mesmas edições (VASCONCELOS, 2010, p. 126).

Segundo Ester Nascimento (2011b), os preceitos protestantes estavam “ancorados nos princípios da fé, da ciência e nas exigências de preparação para o trabalho”. A sua educação era pensada para a integralidade, sempre voltada para os bons costumes.

[...] educação integral, compreendendo a educação religiosa, moral, intelectual e física. Enquanto a ciência preparava o futuro homem para a vida racional e para o trabalho – no magistério e na agricultura -, os preceitos religiosos o levariam a uma vida exemplar de retidão, humildade e desprendimento do mundo (NASCIMENTO, E., 2011b, p. 374-375).

Os membros da BFBS tinham o objetivo de espalhar a Palavra de Deus. Tais indivíduos acreditavam que possibilitando o acesso à educação aos pobres, seria mais fácil a implantação do Protestantismo. Ou seja, para civilizar era preciso educar.

O discurso civilizador valorizava a escola como sendo a agência destinada, por excelência, ao cultivo das grandes virtudes, ao fortalecimento dos espíritos, à formação do homem do futuro, o homem consciente. O homem civilizado, escolarizado, seria capaz de organizar a família em bases sólidas, simpáticas e justas, de acordo com as aspirações do progresso, em consonância com as normas científicas (NASCIMENTO, J., 2001, p. 17).

O trabalho em conjunto da BFBS consolidou-se como resistente e sólido pelo comprometimento dos seus integrantes. Não havia distinções em suas ações, tampouco contradições. O objetivo estava claro na mente de todos. Logo, “os sentimentos e as ideias só se renovam, o coração só aumenta e o espírito humano só se desenvolve mediante a ação recíproca dos homens uns sobre os outros. É necessário, portanto, criá-las artificialmente aí. E isso somente as associações podem fazer” (TOCQUEVILLE, 2000, vol. 2, p. 134).

Portanto, a execução da distribuição desses impressos protestantes foi fundamental para a implantação do Protestantismo, “sendo utilizados como uma das estratégias para a construção de uma sociedade protestante, criando novas maneiras de pensar e agir” (BERTINATTI, 2011, p. 26).

1.2 As Cartas dos Membros da BFBS

Tudo que foi e é produzido pelo homem, deixando indícios de suas interferências, ajudando na compreensão do passado, pode ser chamado de fonte histórica. De uma mesma fonte é possível chegar a conclusões diversas, pois, cada conclusão vai depender do olhar de cada historiador.

A carta como objeto de investigação histórica nos possibilita aproximarmos do passado através de indícios deixados. A utilização da correspondência foi de grande importância na comunicação⁶.

Quando tratamos de historiografia, “as cartas ocupam, tradicionalmente, o status de documento”. O documento é tudo aquilo que serve para provar; elaborado pelo homem para representar alguma pessoa, fato ou testemunho. As cartas que foram analisadas nesta pesquisa são feitas por homens, representando seus trabalhos de difusão de impressos no Brasil (DAUPHIN; POUBLAN, 2002, p. 75).

Os escritos, por mais simples que sejam, “tornam-se signos ou indícios a serem interpretados”. É necessário muito cuidado na análise desse tipo de documento, pois dependendo da visão do historiador, de uma mesma fonte é possível retirar várias considerações para determinada investigação. Portanto, “como qualquer fonte para o historiador, a correspondência é um objeto construído, inscrito no tempo e no espaço social, desde a origem, uma a uma, cartas esparsas, até a sua descoberta, quando reunidas em um todo indissociável” (DAUPHIN; POUBLAN, 2002, p. 80).

Segundo Mignot (2002, p. 116), as cartas são documentos que “permitem compreender itinerários pessoais e profissionais de formação, seguir a trama de afinidades eletivas e penetrar em intimidades alheias”. Assim, nesta investigação, foi permitido enveredar sobre a intimidade do dia-a-dia daqueles que compunham a BFBS no período estabelecido, considerando que “o uso epistolar da escrita constitui-se em um gênero discursivo privilegiado para o estudo na perspectiva da história cultural” (MACIEL, 2002, p. 205).

Além da dificuldade de escrever sobre cartas, essa prática pode ser também

⁶ A troca de cartas, além de outros benefícios, “transforma a ausência em presença e o passado em presente, impedindo o esquecimento” (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 9).

[...] fácil e fascinante. Fácil porque elas pipocam por todo lado e fascinante porque é a leitura de uma escrita descontraída, que conta novidades, mesmo quando são problemas, pois fica-se querendo saber o desfecho, além da gama de informações que trazem e que talvez nem procurássemos de outra forma. Quando trazem análises, talvez por não terem a preocupação com a erudição, ou serem os raciocínios desenvolvidos ao correr da pena, tornam-se uma fonte prazerosa de conhecimento (CAMARGO, 2002, p. 160).

É característica das cartas essa simplicidade da linguagem, pelo seu caráter espontâneo, pois não foi produzido por um escritor e nem teve como objetivo a publicação e sim, apenas o contato. Além disso, Camargo (2002, p. 164) afirma que as cartas trazem consigo, através dos indícios, marcas de uma cultura, consolidando-se numa “prática de escrita porque entremeia, penetra, é constituída e faz o cotidiano”. Pode ser também pensada como uma prática social marcada pelos gestos e atitudes de quem as escreve, revelando cada modo singular de apropriação e expressão. Apesar de trabalhoso, o estudo com as cartas também é muito gratificante. As cartas, por si só, segundo Bastos (2002, p. 110), “produzem a memória de uma época (...)”. Época que está internalizada em folhas de papel e que cabe a nós, decifrá-la.

A documentação analisada neste estudo corresponde a 28 cartas manuscritas em inglês, envolvendo 23 indivíduos que trocaram cartas entre si. Inicialmente, foi feita a transcrição dos documentos e, antes mesmo de traduzi-los, foi possível identificar os sujeitos e seus locais de atuação. Isso se deve ao fato de que todas as cartas trazem o remetente, o destinatário e seus locais de atuação.

No Quadro 1 constam os membros que estavam trabalhando no Brasil no período de 1818 a 1839. Dentro desse período, os locais de atuação foram as Províncias do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. Vale ressaltar que a maior concentração estava no Rio de Janeiro.

Quadro 1. Agentes da BFBS Localizados no Brasil

MEMBRO	ANO	LOCAL
John Rudge	1818	Rio de Janeiro
G. A Carruthers	1821	Pernambuco
Edward Rivers Fletcher	1822	Pernambuco
G. J. Standfast	1823	Rio de Janeiro
	1824	Rio de Janeiro
Edmund Pink	1825	Rio de Janeiro
Fowles	1825	Rio de Janeiro
Stewart Kerr	1827	Rio de Janeiro
John Jackson	1838	Rio de Janeiro
	1839	Rio de Janeiro
S. R. Mckay	1826	Rio de Janeiro
	1827	Rio de Janeiro
	1828	Rio de Janeiro
	1833	Rio de Janeiro
	1836	Pernambuco
Wihelm Von Theremin	1835	Rio de Janeiro
James Thornton	1836	Rio de Janeiro
	1837	Rio de Janeiro
	1838	Rio de Janeiro
	1839	Rio de Janeiro
George Harvey	1837	Rio de Janeiro
Arthur Maister	1838	Rio de Janeiro
Edward George Parker	1839	Bahia

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de “Cartas (1818–1839)”. BFBS Archives Indexes/BSAX. Cambridge: Cambridge University Library, 2010.

Dos 14 agentes que foram localizados no Brasil⁷, 10 estavam no Rio de Janeiro: John Rudge, G. J. Standfast, Edmund Pink, Fowles, Stewart Kerr, John Jackson, Wihelm Von Theremin, James Thornton, George Harvey e Arthur Maister; S. R. Macky esteve no Rio de Janeiro e em Pernambuco. Já G. A Carruthers e Edward Rivers Fletcher, apenas em Pernambuco e, Edward George Parker, na Bahia. Portanto, possivelmente, a maior concentração de agentes no Rio de Janeiro deve-se ao fato de que lá estava o maior número de habitantes brasileiros. Já o Quadro 2, apresenta os membros que estavam no exterior.

⁷ Segundo Silva (2011, p. 37-38), “calcula-se que, em 1808, o Rio de Janeiro, cabeça do vice-reinado, tivesse entre 50 mil e 60 mil habitantes. Salvador abrigaria 51 mil pessoas. Recife, em 1810, segundo o inglês Henry Koster, cerca de 25 mil. (...) Em 1821, o Rio de Janeiro já tinha 79 mil habitantes, sem contar os que viviam na área rural do município. (...) A cidade recebera um grande influxo de portugueses: os nobres e altos funcionários que, com sua criadagem, acompanharam D. João na transferência da corte para o Brasil, e aqueles que, nos anos seguintes, se deslocaram para o Rio de Janeiro, a fim de ficar perto do rei e de suas benesses.”

Quadro 2. Membros da BFBS no Exterior

MEMBRO	ANO	LOCAL
Robert Ralston	1818	Filadélfia
Joseph Iarn	1818	Londres
Dondford	1820	Cambridge
Steinkoffpt	1820	Londres
James Miller	1822	Londres
T. J. Lancaster	1822	Londres
E. F. Roenneberg	1823	Londres
John Jackson	1825	Londres
	1826	Londres
	1828	Londres
	1833	Londres
	1836	Liverpool
	1837	Londres
	1838	Londres
	1839	Londres
A. Brandron	1838	Londres
	1839	Londres

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de “Cartas (1818–1839)”. BFBS Archives Indexes/BSAX. Cambridge: Cambridge University Library, 2010.

Para a análise desse quadro é necessário fazer uma consideração referente ao agente Robert Ralston, que estava na Filadélfia em 1818. Como este estudo está voltado para a BFBS, instituição Britânica, é possível chegar à conclusão de que Ralston não fazia parte da BFBS e sim da ABS, já que ele se encontrava na América do Norte. Como ele foi identificado nos documentos que fazem parte do acervo da BFBS, foi elaborada a hipótese de que as duas Sociedades Bíblicas trabalhavam em conjunto, já que na carta escrita por Ralston foi informado a Joseph Iarn, que se encontrava em Londres, que John Rudge, até então trabalhando no Rio de Janeiro, estava disposto a ajudá-lo a difundir as Escrituras na América do Sul. “Estou disposto a juntar em anexo a cópia de uma carta recebida do Sr. John Rudge, que se encontra no Rio de Janeiro, tendo em vista que você possa ver o quanto ele está disposto a promover o grande objetivo de fazer circular as escrituras na América do Sul.” (Robert Ralston, Filadélfia/Pensilvânia, 16 de dezembro de 1818).

Boa parte dos membros, em sua maioria dirigentes, que estava no exterior, se encontrava em Londres, são eles: Joseph Iarn, Steinkoffpt, James Miller, T. J. Lancaster, E. F. Roenneberg e A. Brandron. Essa concentração em Londres é explicada pela localização da sede da BFBS ser nesta cidade. John Jackson, além de estar em Londres, também foi encontrado em Liverpool. Na Filadélfia estava Robert Ralston e, Dondford, em Cambridge.

Com base na análise dos dados coletados na documentação, foram identificados, na troca de correspondência, do período de 1818 a 1839: 14 agentes e oito dirigentes da BFBS e um agente da ABS, todos elencados no Quadro 3.

Quadro 3. Os Membros e Suas Funções

MEMBRO	FUNÇÃO
John Rudge	Agente
G. J. Standfast	Agente
Edmund Pink	Agente
S. R. Mackay	Agente
Wihelm Von Theremin	Agente
James Thornton	Agente
George Harvey	Agente
Arthur Maister	Agente
Edward Rivers Fletcher	Agente
G. A Carruthers	Agente
Edward George Parker	Agente
Stewart Kerr	Agente
Robert Ralston	Agente da ABS
Joseph Iarn	Secretário Assistente
James Miller	Secretário
E. F. Roenneberg	Secretário Assistente Estrangeiro
John Jackson	Secretário Assistente
T. J. Lancaster	Funcionário
Dondford	Funcionário
Steinkoffpt	Funcionário
A. Brandron	Funcionário

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de “Cartas (1818–1839)”. BFBS Archives Indexes/BSAX. Cambridge: Cambridge University Library, 2010.

* O termo “funcionário” foi usado para designar aqueles cuja função na BFBS não consta na documentação analisada.

Foi possível elaborar outro quadro que ajudou a compreender com quem cada dirigente se comunicava. Para o entendimento do Quadro 4, são necessárias duas notificações. A primeira foi que os secretários Steinkoffpt, T. J. Lancaster, Joseph Iarn e Dondford não aparecem no quadro, devido ao fato de que, naquele período, não receberam cartas de agentes, mas trocaram cartas entre si. A segunda notificação diz respeito a John Rudge. Ele não aparece, também, porque não trocou carta com nenhum dirigente, mas com o provável agente da ABS, Robert Ralston.

Quadro 4. Secretários da BFBS e Sua Equipe de Agentes (1818–1839)

SECRETÁRIO	EQUIPE DE AGENTES
James Miller	E. R. Fletcher
E. F. Roenneberg	E. J. Standfast
John Jackson	Edmund Pink
	S. R. McKay
	James Thornton
	E. G. Parker
A.Brandron	Arthur Maister
	James Thornton
Desconhecido*	G. A. Carruthers
	Lancaster
	E. J. Standfast
	Fowles
	James Thornton
	George Harvey

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de “Cartas (1818–1839)”. BFBS Archives Indexes/BSAX. Cambridge: Cambridge University Library, 2010.

* O termo “Desconhecido” deve-se ao fato de que os remetentes não informaram os destinatários das cartas.

Através dos quadros apresentados acima, percebe-se que os agentes estavam localizados em terras brasileiras. Já os dirigentes, nomeados de secretários, estavam fora do Brasil.

Partindo para a interpretação do conteúdo escrito por esses indivíduos, foram identificados vários temas. As cartas foram enumeradas de 1 a 28, logo depois da tradução. A partir daí, foi possível a elaboração do quadro abaixo, facilitando a identificação dos assuntos mais abordados.

Quadro 5. Temas Contidos na Correspondência

TEMA	SUBTEMA	NÚMERO DA CARTA
Distribuição e Venda dos Impressos	Gratidão em fazer parte da BFBS	1, 6, 13
	Pedido de isenção de impostos	1
	Isenção de impostos	6,7
	Venda e distribuição gratuita de impressos	4, 7, 12, 14, 17, 19, 21, 24, 25, 26
	Pedido de impressos	6, 18, 23
	Pedido de impressos sobre a vida dos tradutores da Bíblia.	23
	Recebimento de impressos	7, 15, 17, 21, 25, 26, 27, 28
	Não recebimento de impressos	27
	Preço dos impressos	6, 7, 12, 26
	Prejuízos	12, 15, 16, 17, 19
	Envio do Lucro da venda de impressos	26
	Não envio do lucro da venda de impressos	15
	Distribuição de impressos para soldados alemães	15
	Uso indevido de impressos	15
	Disputa dos livros ingleses e franceses	12
Educação, Saúde e Questões Políticas	Situação escolar do Brasil	21
	Tentativa de inserção da Bíblia nas escolas públicas e privadas do Brasil	24
	Escolas estrangeiras no Brasil	21
	Busca de prestígio político (Candidatura a Cônsul)	16
	Doenças	3, 13
	Nova Constituição	8, 9
	Comunicado de morte	10
	Troca de funções	13
	Ajuda do Rei da Prússia	17
	Ajuda de D. João VI	24
	Solicitação de novo pastor	26
	Pedido de demissão de um Pastor	26

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de “Cartas (1818–1839)”. BFBS Archives Indexes/BSAX. Cambridge: Cambridge University Library, 2010.

Portanto, em toda documentação analisada, foram localizados 27 subtemas que foram divididos em dois temas, a saber: “Distribuição e Venda dos Impressos” e “Educação, Saúde e Questões Políticas”, os quais foram transformados em subtítulos do próximo capítulo.

Foram identificados os locais de atuação e os respectivos indivíduos que fizeram parte dessa Sociedade no período delimitado. A partir de agora, a análise do conteúdo das cartas norteará o trabalho, visando entender de que maneira se deu a difusão de impressos

protestantes no Brasil e, enfim, compreender como a ação de difusão da palavra impressa contribuiu na implantação de igrejas e escolas protestantes no país.

CAPÍTULO 2. A SOCIEDADE BÍBLICA BRITÂNICA E ESTRANGEIRA E A DISTRIBUIÇÃO DE IMPRESSOS NO BRASIL

A estratégia de distribuir impressos precedeu a organização de escolas e igrejas e tinha como finalidade implantar definitivamente o Protestantismo no Brasil. Os indivíduos que fizeram parte da BFBS tiveram que trabalhar em conjunto para alcançar seu objetivo: disseminar a palavra protestante no Brasil através dos impressos religiosos.

Os sujeitos responsáveis pela circulação dos impressos tinham como principais características a organização e a união. Seu discurso era pautado, principalmente, na modernização⁸ e no progresso - anseios que favoreciam o estilo de vida nos países europeus.

A sociedade brasileira da época estava mesclada entre brancos, índios, mulatos, negros libertos e escravos. A Igreja Católica, em 1805, “contou no Brasil, 3,1 milhões de habitantes”. Doze anos depois, em 1817, “calculava-se a população do país em 3.817.000 indivíduos”. Em 1831, “a população devia andar por volta dos 5 milhões, dos quais entre o terço e a metade seria de escravos”. É importante destacar que “esses números não eram precisos, porque se desconhecia muito do território, e suas fronteiras terrestres não tinham ainda, em vários trechos, sido traçadas” (SILVA, 2001, p. 35-36).

Para extrair dos manuscritos aquilo que foi proposto aqui, coube-me “cultivar a sensibilidade, a disposição e a disponibilidade para comparar, analisar, interpretar, descobrir os quês e os porquês de outras épocas, de outros lugares, que, a um só tempo, parecem tão próximos e tão distantes daquilo com que lidamos a cada dia” (LOPES; GALVÃO, 2010, p. 12).

Foram eleitos 27 subtemas e, a partir daí, criados dois temas: “Distribuição e Venda dos Impressos”, que compreende a documentação que fala sobre como se deu essa difusão, bem como algumas situações que os membros da BFBS tiveram que contornar para a realização de seus objetivos e, em “Educação, Saúde e Questões Políticas”, as cartas tratam sobre a situação educacional do Brasil, a tentativa de inserção de Bíblias nas escolas privadas e públicas brasileiras e qual era a educação oferecida pela BFBS, além de destacar os assuntos

⁸ A modernização que “caracterizou o Brasil durante o século passado [século XIX] teve o seu primeiro esboço desenhado ainda na primeira década, com a chegada de D. João VI. A visão de modernidade, a partir dali, se sintetizou através do fomento econômico estatal e do estímulo à iniciativa privada para a criação de fábricas, arsenais, bancos, forjas de armas, uma política de criação de escolas primárias e secundárias, liceus de ofícios, academias artísticas, escolas superiores, bibliotecas, museus, instituições científicas, imprensa, centralização da administração pública – no sentido de unidade nacional. Até o final do século, as bases da modernidade que foram consolidadas a partir das ações de D. João VI se manifestam sob a forma de rodovias, estradas de ferro, empresas de navegação costeira, serviços de telegrafia, cabo submarino para a Europa” (NASCIMENTO, 1999, p. 66).

peçoais, as ajudas políticas e o requerimento de membros, troca de funções, etc. Esses dois temas foram transformados nos dois subtítulos deste capítulo.

2.1 Distribuição e Venda dos Impressos

Para iniciar os trabalhos de divulgação dos impressos, eram feitos, frequentemente, pedidos de exemplares pelos agentes aos seus dirigentes. Através do entusiasmo e da crença no cumprimento de seus objetivos, os membros da BFBS relatavam que os brasileiros estavam ansiosos para adquirir a Bíblia. Porém, é necessário cuidado ao analisar dados como esses que afirmam a vontade dos brasileiros de obter uma Bíblia na língua portuguesa. Embora o agente afirme a curiosidade da população acerca da nova religião, é preciso desconfiar do que é dito.

O Brasil, por ser um país predominantemente católico, não iria aceitar tão facilmente uma “invasão” protestante ao ponto de se entusiasmar com uma literatura evangélica e totalmente diferente da qual estava acostumado. É aceitável que, por trazer ideais de uma nova vertente religiosa, os impressos protestantes tenham causado algum tipo de curiosidade. Entretanto, não é válido afirmar que os brasileiros aceitaram facilmente essa literatura. Afinal, os ingleses chegaram ao Brasil dispostos a difundir os impressos, não só para a parcela leiga da população, mas também para aqueles que tinham um conhecimento religioso consistente, tornando árduo o trabalho de divulgação.

Ao mesmo tempo em que a BFBS chegava ao Brasil, o país se reconstruía, aos poucos, principalmente com a conquista de sua Independência, no dia 7 de setembro de 1822. Logo em seguida, em 12 de outubro, D. Pedro foi aclamado imperador do país e a sua coroação, no dia 1º de dezembro, marcou a separação definitiva dos dois países.

O agente Edward Rivers Fletcher já estava trabalhando no Brasil no ano da Independência. Na sua carta, escrita para James Miller, Secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, é relatada a sua felicidade ao “afirmar a disposição e ansiedade do povo para receber os exemplares das Bíblias que estão sendo enviadas de Londres” (Edward Rivers Fletcher, Pernambuco, 11 de maio de 1822).

Essa menção sobre a ansiedade dos brasileiros pode ser interpretada como uma maneira que os agentes acharam para agilizar a chegada dos impressos no Brasil. Os dirigentes, por sua vez, acreditando na notícia de que o andamento da distribuição e da difusão dos impressos estava indo bem, certamente iriam enviar mais rapidamente impressos

para o país. Outro trecho da mesma carta reforça o que foi dito: “eu tive muitos pedidos urgentes de Bíblias e Testamentos e só me livreí da importunação dos brasileiros, quando mantive a expectativa de receber uma carga da Inglaterra para distribuir entre eles” (Edward Rivers Fletcher, Pernambuco, 11 de maio de 1822).

Através de outra correspondência, escrita por James Thornton, é possível afirmar que os impressos já chegavam traduzidos ao Brasil. Ele solicita o envio de “100 Bíblias e 100 testamentos, todos com a melhor tradução” (James Thornton, 9 de abril de 1836). Além disso, a quantidade de impressos pedidos mostra que em 1836, um grande número de exemplares já estava circulando no Brasil.

Dois anos depois, James Thornton solicita a John Jackson, em Londres, folhetos e alguns volumes sobre a vida dos tradutores da Bíblia, na língua dos brasileiros.

Seria um grande favor receber, a partir deste excelente ministro e seus amigos, uma pequena parcela de folhetos deles, e um pequeno volume da vida dos tradutores de Escrituras. E se você tiver sucesso com as traduções, as homilias seriam muito aconselháveis e aceitáveis para serem traduzidas. Tive o prazer em receber os seus favores de 6 de Fevereiro e agora informo que estamos totalmente sem pequenos livros, portanto, por favor, envie-nos por um navio: 100 – Extratos de Bíblias. 100 – Novos Testamentos em Português (James Thornton, 12 de abril de 1838).

James Thornton, no trecho acima, dá a dica de uma nova tradução, a das homilias, e encerra sua carta com outro pedido especificando a quantidade de cada tipo de impresso os quais o agente deseja.

Ao consultar outro material,⁹ reunido em CD-ROM e publicado pela Prof.^a Dr.^a Ester Nascimento, foi possível fazer algumas considerações sobre os tradutores da Bíblia. Todo trabalho de tradução e revisão dos impressos era realizado apenas pelos representantes das principais igrejas. Na seleção desses tradutores, era levada em consideração a aptidão espiritual e linguística. Vale ressaltar que a tradução era feita por Comitês formados por pessoas competentes e nunca com apenas um representante. Para fazer parte do Comitê de tradução era necessário ser membro ou secretário da Sociedade, no caso, da BFBS, para garantir a autenticidade do conteúdo traduzido.

⁹ Esse material foi reunido em um CD’Rom intitulado “Associações Voluntárias, Saberes e Práticas Educativas e Impressos Protestantes nos Oitocentos: A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a Sociedade Bíblica Americana”. Dentre os documentos que estão reunidos, identifiquei um intitulado *Rules for the Guidance of Translators, Revisors, & Editors, working in connection with the British and Foreign Bible Society*, de onde foi possível obter informações para as devidas considerações.

Quando havia dúvidas em relação a alguma palavra ou frase, as traduções eram encaminhadas para um Comitê de Referência composto por representantes de todas as igrejas e missões que iriam utilizar a versão. Caso esses pontos não pudessem ser resolvidos de tal forma, eram encaminhados ao Comitê em Londres. É importante destacar o grande cuidado que os tradutores tinham em adotar algumas palavras religiosas.

Já Fletcher, quando fala sobre “pequenos livros”, refere-se aos Novos Testamentos que eram apenas uma parte da Bíblia. Edward Rivers Fletcher comunica a James Miller o preço pelo qual estava sendo vendida a Bíblia. “(...) em alguns casos, foram vendidas, cada Bíblia, por 12 mil réis. Esse preço era uma grande tentação para o homem pobre e uma prova do desejo do homem rico, que obtinha um exemplar, de conhecer a nossa religião” (Edward Rivers Fletcher, Pernambuco, 11 de maio de 1822).

A carta escrita no ano seguinte por E. J. Standfast, destinada ao Secretário Assistente Estrangeiro da BFBS, E. F. Roenneberg, em Londres, relata outro preço dos impressos. Foi fixado “um preço muito baixo – 960 réis para a Bíblia e 320 réis para o Novo Testamento” (E. J. Standfast, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1823), ou seja, a Bíblia estava custando exatamente três vezes mais do que o Novo Testamento.

Devido ao preço baixo, o interesse de livreiros em adquirir aquele material, para fins lucrativos,¹⁰ foi despertado. Standfast não aceitava essa venda, pois o objetivo daquele preço baixo era tão somente identificar os indivíduos que estavam adquirindo aquele material religioso, já que poderiam ser futuros membros de suas igrejas.

Um livreiro queria comprar o conjunto a esse preço, mas como eu sabia que era para lucrar em cima deles, eu rejeitei sua oferta. Gostaria apenas de vendê-los à sociedade, tomando o nome das partes e conversando com eles sabendo sua opinião sobre os livros e sobre os motivos de seu desejo em possuí-los (E. J. Standfast, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1823).

O trabalho de conversão e evangelização se dava da seguinte maneira: a partir do momento em que os exemplares eram vendidos, os nomes daqueles que adquiriam eram anotados¹¹. Daí a importância do contato direto com os brasileiros. O controle da venda ajudaria na construção do perfil daqueles que estavam adquirindo os impressos e, também, no

¹⁰ A partir da Revolução de 1820, foi criado, “tanto em Portugal quanto no Brasil, um clima de liberdade que favoreceu a discussão das ideias políticas. A censura oficial, de certo modo, abrandou. Os que sabiam ler, liam muito e com paixão” (SILVA, 2011, p. 29). Foi nesse clima que os lojistas queriam aproveitar para faturar, aproveitando essas oportunidades de liberdade do povo brasileiro.

¹¹ Essas anotações serviam para o controle da BFBS, bem como para auxiliar o trabalho de futuras missões protestantes no Brasil. Sobre este assunto, verificar em Ester Nascimento (2004, 2007b).

provável retorno da BFBS para o local, constatando, ou não, a disseminação da literatura protestante.

A atribuição do valor dado aos impressos, segundo McKay, no dia 22 de maio de 1826, dependia de quando o Brasil isentava os impostos na Alfândega. Quando estavam livres dessa cobrança, os preços, conseqüentemente, caíam.

(...) alguns meses atrás, todos os livros impressos foram autorizados a ser importados com isenção de impostos, mas, em consequência desta licença, os franceses introduziram certa quantidade de livros sobre literatura em geral, que o governo entendeu tal ação como uma ameaça. Então, o imposto dos livros foi novamente cobrado. Por esta razão, eu me sinto disposto a analisar as despesas da Sociedade e aumentar o preço dos impressos pelo medo de não conseguir cobrir os impostos (S. R. McKay, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1826).

Seguindo o indício de que a Bíblia custava três vezes mais do que o Novo Testamento, é possível concluir que no momento em que a Bíblia custava 12\$000 (12 mil réis), cada Novo Testamento estava custando 4\$000 (quatro mil réis). Conforme a carta citada acima, somente os ricos poderiam pagar esse valor. Daí, a diferença entre distribuição e venda dos impressos. Para quem tinha condições, eram vendidos; para quem não tinha condições, mas demonstrava interesse, eram distribuídos gratuitamente.

O agente James Thornton, em sua carta destinada a Andrew Brandram, que estava em Londres, além de enviar o preço dos impressos que estavam sob sua responsabilidade (folhetos), enviou também os lucros obtidos através da venda dos mesmos. O valor dos 1.500 folhetos, que lhes foram disponibilizados, totalizava em 60\$000 (sessenta mil réis). Isso quer dizer que cada folheto custava 40 réis. Os dez por cento que eram adicionados ao valor dos folhetos resultavam em 6\$000 (seis mil réis), totalizando em 66\$000 (sessenta e seis mil réis), passando a custar 44 réis cada um. Com o desconto do frete marítimo, que era equivalente a 1\$500 (mil e quinhentos réis), o lucro obtido estimava-se em 64\$500 (sessenta e quatro mil e quinhentos réis) (James Thornton, Rio de Janeiro, 28 de março de 1839).

Através da análise destas últimas cartas, é perceptível verificar que o valor dos impressos estava ligado à situação atual de cada região. Cabia ao agente identificar quando era possível aumentar ou baixar os preços.

Quanto ao não envio do lucro da venda dos impressos, foi localizada apenas uma carta que tratava sobre o assunto. McKay escreveu para John Jackson informando o motivo de não ter enviado os pequenos lucros, com o objetivo de guardá-los para alguma necessidade, já que

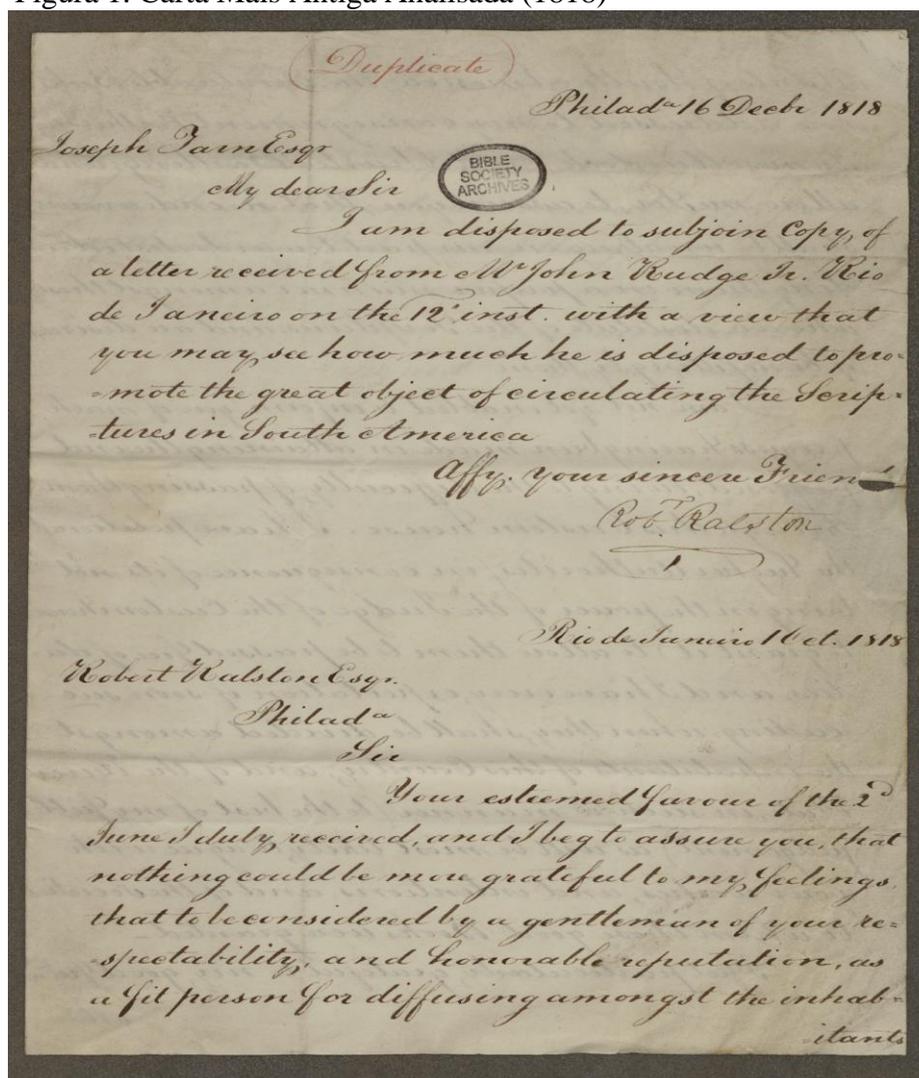
não sabia se a Sociedade cobriria os gastos ou se caberia a ele se responsabilizar pelas despesas. “Não sei até quando terei essas despesas. Isto irá explicar-lhe pela qual razão eu não tenho remetido os pequenos rendimentos líquidos que eu prometi na minha última carta. Eu acredito que tenha percebido tudo o que diz respeito à parte comercial de mim cobrada” (McKay, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1828).

A gratidão dos membros da BFBS em estar participando dessa ação é explícita em alguns documentos. A primeira manifestação expressa de gratidão foi escrita por John Rudge, que se encontrava no Rio de Janeiro, destinada a Robert Ralston, na Filadélfia; membro, por hipótese, da Sociedade Bíblica Americana. O remetente relatou a alegria de ter sido considerado uma pessoa apta a difundir, entre os habitantes da América do Sul, a Palavra Sagrada. Habitantes os quais, segundo ele, estavam com desejo de se beneficiar dela.

Eu não poderia estar mais grato, quando fui considerado por um cavalheiro de sua respeitabilidade e reputação honrosa, como uma pessoa apta para difundir entre os habitantes da América do Sul, um livro de valor inestimável. Permita-me Senhor, vos garantir, que nenhum esforço faltará de minha parte para distribuí-los [os impressos] de maneira apropriada entre aqueles que são desprovidos das Escrituras e estão desejosos de beneficiar-se com elas (John Rudge, Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1818).

Essa informação pertence à carta mais antiga, analisada no trabalho. Ela é uma “duplicata”, ou seja, uma cópia da carta original. Quando foi feita a cópia, foram anexados na mesma carta, dois documentos. O primeiro, escrito dia 16 de dezembro de 1818 e o segundo, escrito dia 1º de outubro de 1818. Ao analisá-las, é perceptível a ligação entre elas: A primeira, datada de 16 de dezembro de 1818, foi escrita por Robert Ralston, na Filadélfia, para Joseph Iarn, Secretário Assistente da BFBS, que se encontrava em Londres. Depois desta, logo abaixo, a correspondência anexada, é do dia 1º de outubro de 1818, escrita por John Rudge, que se encontrava no Rio de Janeiro, destinada para Robert Ralston, na Filadélfia.

Figura 1. Carta Mais Antiga Analisada (1818)



Fonte: Cartas (1818–1839). *BFBS Archives Indexes/BSAX*. Cambridge: Cambridge University Library, 2010.

Em outra carta, escrita por Edward Rivers Fletcher, em Pernambuco, para James Miller, Secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, é demonstrada a sua felicidade em poder distribuir os impressos para as pessoas.

[...] garanto-vos que eu estou muito satisfeito pela oportunidade de atender os desejos do Povo. Eu temo invadir ainda mais o seu tempo valioso e, portanto, encerro com todo meu respeito, assegurando-lhes os meus melhores votos para o sucesso do estabelecimento da nossa religião aqui [...] (Edward Rivers Fletcher, Pernambuco, 11 de maio de 1822).

Outro assunto identificado nas cartas foi o pedido de liberação de impostos. John Rudge, no Rio de Janeiro, avisou a Robert Ralston (Filadélfia) que realizou esse pedido, demonstrando uma estratégia de diminuir os gastos, já que eles teriam que se manter no país

também através da comissão recebida do lucro da venda dos impressos. “Tenho uma petição às autoridades superiores para conceder a permissão da transmissão dos materiais sem impostos. Tenho confiança de que os livros farão sucesso de acordo com seus desejos e intenções” (John Rudge, Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1818).

Sobre a isenção dos impostos, Edward Rivers Fletcher escreve para James Miller, Secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, que “a quantidade que há algum tempo era enviada de Londres, foi autorizada pelo governo para ser despachada pela alfândega livre de impostos e todos exemplares foram distribuídos gratuitamente para multidões de indivíduos” (Edward Rivers Fletcher, Pernambuco, 11 de maio de 1822).

Já que os impostos foram liberados, era possível fazer essa distribuição gratuita sem obter prejuízo financeiro. Já em outra missiva, a qual trata também sobre essa isenção, foi relatado que estavam liberados somente os impressos que não fossem imorais, “para disseminar a Instrução”. Portanto, o Império brasileiro estava sendo, naquele momento, um aliado da BFBS, ajudando diretamente na maior difusão dos impressos¹² (E. J. Standfast, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1823).

Outro tema presente em oito cartas, sempre no início delas, é o recebimento em segurança desses impressos. Para exemplificar esse tipo de situação é posta em destaque a carta de E. J. Standfast destinada ao Secretário Assistente Estrangeiro da BFBS, E. F. Roenneberg, quando ele afirma que “a remessa de Bíblias e Novos Testamentos a qual a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira confidenciou aos meus cuidados chegou na hora certa e recebeu toda a minha atenção” (E. J. Standfast, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1823).

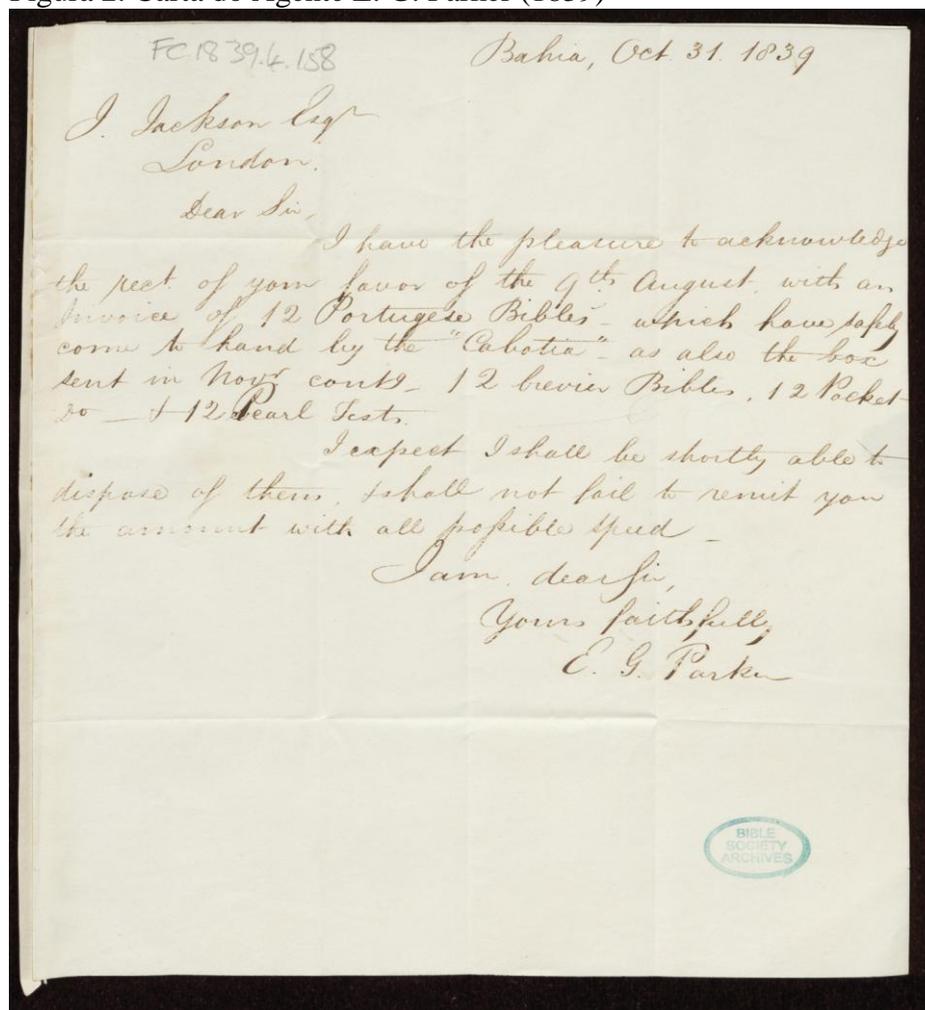
Na carta do dia 31 de outubro de 1839, também escrita por Edward Geo Parker, destinada a John Jackson, Secretário Assistente da BFBS que estava em Londres, é relatado o recebimento dos materiais religiosos que foram cobrados pelo mesmo remetente em carta enviada no dia 27 de maio de 1839. “Tenho o prazer de confirmar o recebimento do seu favor com uma fatura das 12 Bíblias em Português, que em segurança vêm à mão pelo "Cabotiu" com 12 pacotes de Bíblias e 12 fragmentos do Novo Testamento” (Edward Geo Parker, Bahia, 31 de outubro de 1839).

Percebe-se que seu pedido só foi atendido após aproximadamente dois meses e 10 dias, já que a carta de cobrança do material foi escrita em maio e ele só recebera em agosto. Portanto, levanto a hipótese de que a média de duração para a resposta das cartas contendo o pedido de novos exemplares da Bíblia e do Novo Testamento era de dois meses. A

¹² Esses dados confrontam interpretações equivocadas que afirmavam que o Império brasileiro não apoiou instituições protestantes no Brasil.

correspondência foi concluída com entusiasmo: “espero que eu seja capaz de vendê-las logo e não vou deixar de remeter-lhe o montante, com toda rapidez possível” (Edward Geo Parker, 31 de outubro de 1839). Essa foi a última carta analisada.

Figura 2. Carta do Agente E. G. Parker (1839)



Fonte: Cartas (1818–1839). *BFBS Archives Indexes/BSAX*. Cambridge: Cambridge University Library, 2010.

Do mesmo modo que os agentes informavam a chegada do material pedido, era avisado também quando este não chegava. Nesse caso, em apenas uma carta foi encontrado esse tipo de situação. Edward Geo Parker, Capelão britânico na Bahia, informou ao Secretário Assistente da BFBS, John Jackson, sua preocupação com o recebimento das Escrituras Sagradas:

Tenho diante de mim, a sua carta de 21 de novembro de 1838, informando que você tinha me encaminhado 12 pacotes de Bíblias e 12 pequenos exemplares do Novo Testamento. Eu tenho procurado por esse material em

todos os navios que tem chegado desde que eu recebi sua carta em janeiro - mas eles não têm chegado ainda à mão – Eu fiz vários pedidos recentemente de Bíblias em português. Eu acho que seria aconselhável enviar uma remessa maior. Assim que eu receber os livros, terei o prazer de me comunicar com você novamente (Edward Geo Parker, Bahia, 27 de maio de 1839).

Um tema que foi o mais discutido e fundamental para a construção desta investigação, foi a venda e distribuição gratuita dos impressos. A partir desse assunto, foi possível entender como era executado o trabalho de difusão desse material.

G. A. Carruthers, em sua correspondência destinada a um dirigente não identificado, comunica que “todas as Bíblias foram distribuídas para alguns brasileiros interessados. Muitos do Clero Católico também requisitaram, então, fui obrigado a dar as destinadas à Paraíba”. (G. A. Carruthers, Pernambuco, 24 de novembro de 1821).

Esse trecho demonstra que a BFBS atuava também na Paraíba¹³, mesmo não sendo encontrado nenhum indivíduo nesta Província na documentação analisada e, também, que provavelmente, a vontade do Clero Católico em obter uma Bíblia vendida por protestantes, está atribuída à falta de exemplares de Bíblias católicas para eles. O acesso ao impresso era difícil até mesmo para os membros do Clero, apenas alguns tinham um exemplar.

A distribuição entre os membros do Clero Católico também foi levantada em outra carta, escrita por E. J. Standfast, destinada ao Secretário Assistente Estrangeiro da BFBS, E. F. Roenneberg, em Londres. Além disso, a consciência de que era necessária uma pausa na distribuição caracteriza-os como pessoas organizadas e com planejamento. Eles tinham conhecimento de que toda configuração política do Brasil estava em construção. No ano de 1823, o país se tornou recém-independente e foi se transformando continuamente. “O estado político do país exige muita cautela para orientar claramente os nossos interesses e depois houve uma pausa cautelosa na minha decisão em distribuir um pouco de cada volume entre os brasileiros incluindo alguns membros do Clero Católico” (E. J. Standfast, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1823).

A carta escrita no Rio de Janeiro por S. R. McKay para John Jackson, Secretário Assistente da BFBS, em Londres, trata sobre a distribuição gratuita de impressos apenas aos que não tinham condições de pagar. Caso contrário, seriam vendidos. Essa maneira de difusão era feita devido à falta de condições de se manterem no Brasil apenas com os recursos vindos da sede da BFBS. Para McKay, era necessária muita paciência, “particularmente, na distribuição gratuita” dos impressos (S. R. McKay, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1826).

¹³ A dissertação de ALMEIDA (2013, p. 88), traz a confirmação de que houve circulação de impressos protestantes na Paraíba, no final dos Oitocentos.

Além de a distribuição ser feita pelos membros da BFBS, alguns brasileiros e já convertidos se ofereciam para ajudar. McKay afirmou que conversou com “três pessoas que prontamente se dão ao trabalho de distribuir de acordo com as ordens da Sociedade” (S. R. McKay, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1826).

Em outra carta escrita por McKay, ficou constatado que mesmo com algumas dificuldades e pensamentos de desistência, a distribuição das Bíblias tinha que continuar. A vontade de desenvolver os objetivos da BFBS estava vinculada à fé. “Já passei por tantas circunstâncias que, às vezes, deu vontade de desistir. Sei que a benção de Deus está sob nossos trabalhos, por isso, não devo parar a distribuição das Bíblias. Acredito que as dificuldades existem para nos fortalecer, revigorar completamente” (McKay, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1828).

McKay informou, em outra correspondência, que um homem alemão se prontificou a ajudar na distribuição nas Colônias alemãs¹⁴.

Um cavalheiro alemão me prometeu sua ajuda eficaz na distribuição das escrituras entre os soldados. Mas, aos poucos percebi que a conduta dos soldados alemães em geral era tão estranha que eu não tinha confiança para prosseguir na distribuição. Estes soldados estão trocando a Palavra Sagrada pelo vício da embriaguez. Eu não tenho confiança em tentar a distribuição grátis para eles ao menos que eu pudesse encontrar com indivíduos que realmente desejassem o conhecimento religioso. Desde então, esses soldados têm sido reformados, e espero ter ainda acesso a eles para distribuir satisfatoriamente entre eles o volume divino. Caso contrário, os volumes serão colocados à disposição do Sr. Voges (McKay, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1828).

O uso indevido dos impressos implicou na distribuição gratuita. Quem tinha interesse em adquirir o material sem nenhum custo, e que tinha o vício da embriaguez, deveriam passar por algum tratamento. Quando curados, poderiam ter acesso livremente ao “volume divino”. Caso a situação não mudasse, os impressos que seriam destinados à Colônia alemã iriam ser transferidos para o Sr. Voges¹⁵, para que ele fizesse sua devida venda ou distribuição gratuita.

¹⁴ Segundo Nascimento, J. (1999, p. 83-84), “no Brasil, além dos templos protestantes que passaram a funcionar nas Colônias alemãs, o crescimento do Protestantismo se deu também através da rede de escolas organizada por suas Igrejas. Inicialmente, através da Escola Americana instalada em São Paulo, no ano de 1871, seguido do Colégio Piracicabano, 10 anos depois, é muito grande a lista de escolas criadas no século XIX pelos protestantes. Todavia é possível citar o colégio Americano (Porto Alegre – 1885), o Colégio Grambery (Juiz de Fora – 1889), a Escola do Alto (Rio de Janeiro – 1892), Colégio Mineiro (Juiz de Fora – 1891), Colégio Americano Fluminense (Rio de Janeiro – 1892), Colégio Americano de Petrópolis (1895), Colégio Metodista (Ribeirão Preto – 1899), Colégio Americano (Taubaté – 1890), dentre outros”.

¹⁵ Por indícios, foi possível concluir que o senhor Voges era um dos colportores que trabalhavam juntamente com o McKay.

Outra correspondência que trata da distribuição é a carta do dia 24 de fevereiro 1835, enviada para W. Theremin, Cônsul Geral Prussiano no Rio de Janeiro. Não foi possível a identificação do remetente devido à falta de informação na missiva. O assunto abordado também está relacionado à distribuição nas Colônias alemãs, principalmente na Colônia de São Leopoldo. Provavelmente, o trabalho de distribuição era feito com o auxílio de pastores alemães e essas Bíblias estavam escritas na língua alemã.

Há cerca de dois anos, o Sr. McKay entregou sob minha responsabilidade, sete caixas de Bíblias e Novos Testamentos enviadas pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, para distribuição entre as suas Colônias alemãs, mais especialmente em São Leopoldo, próximo a Porto Alegre na Província Rio Grande do Sul (Remetente não identificado, 24 de fevereiro de 1835).

Queixas relacionadas à distribuição e venda dos impressos também são discutidas nas correspondências. Exemplo é a carta escrita por S. R. McKay, em Pernambuco, para o Secretário Assistente da BFBS em Liverpool, John Jackson. Depois de comunicar sobre o balanço das vendas, McKay se queixou que o Sr. Ferreira (provável colportor) nunca respondeu as suas perguntas relacionadas às caixas de Bíblias e Novos Testamentos entregues a ele. E completou que não ficou sabendo da venda das tais.

As três caixas de B. e T. em português, enviadas a Ferreira, nunca me foi comunicada. Eu requeri às autoridades da alfândega para tomar posse destes livros, mas eles afirmaram que não poderiam agir assim porque os livros haviam sido vendidos para custear os impostos, sem que eu soubesse. Eu creio que até dessa forma eles se encontrariam circulando e chegariam às mãos dos leitores (McKay, Pernambuco, 9 de junho de 1836).

Já a dificuldade na distribuição dos impressos é trazida na carta de George Harvey. A correspondência não informa o destinatário. Harvey afirma que “a razão desfavorável à distribuição das Bíblias, naquele momento, era a falta de meios de comunicação” no Brasil (George Harvey, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1837).

Na mesma carta, ele responde a uma pergunta que provavelmente foi feita pelo destinatário da carta em outro momento. A indagação era sobre a contratação de novas pessoas para ajudar na difusão dos impressos.

Em resposta à sua primeira pergunta, existe uma pessoa a quem poderia ser confiada com respeito à distribuição das Escrituras Sagradas. Temos um pastor chamado Rev. E. Maester, que tem uma pequena congregação. Ele é muito respeitável e seria a melhor pessoa para essa função, mesmo não tendo

uma relação pessoal com ele (George Harvey, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1837).

A partir daí, é entendido que além dos membros da BFBS, outras pessoas, até mesmo brasileiros, trabalhavam na venda e distribuição dos impressos. Bastava ser confiável e demonstrar interesse em ajudar na difusão dos impressos protestantes. Outro fator relevante no trecho dessa carta refere-se à existência de uma pequena congregação, em 1837, provando que antes mesmo do agente Robert Reid Kalley fundar a primeira igreja presbiteriana em 1858, já existiam pontos de pregação no Brasil.

Além da confiança na distribuição satisfatória que os integrantes da BFBS demonstravam em seus escritos, foi encontrada também uma desconfiança por parte do agente Arthur Maister em sua carta escrita no dia 14 de junho de 1838. Ele afirma que “a distribuição acabará por ser produtiva de benefícios, mas, por um momento, duvidei que não iria conseguir encaminhá-las (Arthur Maister, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1838).

Logo depois, Maister informou que iria orar alegremente para que a recompensa do grande esforço que a BFBS vinha fazendo para desempenhar suas funções fosse o aumento de pessoas convertidas à nova religião. Pela escrita do agente, é possível perceber a dificuldade em fazer circular os impressos protestantes. No entanto, ele demonstrava confiança sobre os poderes litúrgicos que a Bíblia poderia exercer através de sua apropriação.

Em Seu nome [de Deus], no entanto, mostrando para que servimos, eu alegremente dirijo-me à tarefa de rezar para que a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira possa ser recompensada umas cem vezes pelo seu esforço generoso, testemunhado por um aumento significativo no rebanho do nosso grande Pastor (Arthur Maister, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1838).

Pelo conhecimento adquirido na longa convivência entre os brasileiros e pela sua importante função nos estabelecimentos comerciais, uma amiga de Maister, gerente de um estabelecimento no Rio, dá confiança aos brasileiros para ajudá-los na difusão dos impressos, garantindo que poderia distribuir o material entre os lojistas utilizando seus pontos de comércio.

Uma religiosa, amiga minha, gerente de um dos primeiros estabelecimentos mercantis no Rio, e que devido a sua longa permanência aqui, é como se fosse um parente dos brasileiros, assegura-me que ela pode distribuir várias cópias à vantagem real entre os lojistas, em parte, a um preço baixo, e em parte gratuitamente (Arthur Maister, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1838).

Essa era outra maneira de tentar aumentar a distribuição dos impressos protestantes entre os brasileiros. A consciência da dificuldade e a demora do processo de alcançar seguidores para sua religião foi também explicitada por ele, deixando bem claro que acreditava em Deus e em Sua Palavra.

Nós podemos semear a semente, embora a colheita deva acontecer mais tarde. Esperemos Nele, que sob a Sua ajuda, nos dê a certeza de uma colheita rica. Orando para que tal caso possa acontecer, e que nosso Pai Celestial possa ver e ajudar a prosperar todos os nossos humildes esforços pela causa, eu imploro, com os meus melhores agradecimentos à comissão da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (Arthur Maister, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1838).

Ainda relacionado à distribuição entre os lojistas, James Thornton, no dia 10 de novembro de 1838, informa a John Jackson, que vários exemplares foram colocados à disposição em livrarias. Além disso, afirma que um homem adquiriu 31 Bíblias para a sua família, que vivia em Províncias distantes. “Um número considerável de Bíblias foi disposto nas livrarias, e, um indivíduo muito honroso e venerável, com a presença do seu filho, levou nada menos que 31 delas que seriam levadas para províncias distantes, e se fazer acessível às respectivas famílias” (James Thornton, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1838).

Percebe-se, então, que quando uma pessoa se identificava com o Protestantismo fazia questão que a família conhecesse, através do contato com a Bíblia, aquela nova religião. Com isso, estava contribuindo com a distribuição dos impressos religiosos e, conseqüentemente, auxiliando na inserção do Protestantismo no Brasil.

A carta é encerrada com uma demonstração do empenho do agente em sua função de difusão da Palavra protestante e conversão da população e completa que tem “todo o incentivo para a distribuição desses livros de valor inestimável” (James Thornton, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1838).

Na última carta, a qual trata de distribuição e venda dos impressos, James Thornton relata sua tristeza quando diz que eles não tiveram “tão grande distribuição das Escrituras este ano, como foi o caso dos dois primeiros, no entanto, vários volumes foram fornecidos gratuitamente para muitos indivíduos mais pobres” (James Thornton, Rio de Janeiro, 28 de março de 1839).

É importante destacar que quando, na carta, encontra-se o pronome pessoal “nós”, o remetente refere-se a ele, ao agente e aos seus colportores. Com isso, é possível afirmar que além da venda das Bíblias e Novos Testamentos serem destinados para fins lucrativos,

dependendo de cada região, os volumes eram fornecidos gratuitamente. Portanto, o foco principal era a difusão das Escrituras Sagradas para obtenção da maior apropriação do Protestantismo, mesmo que para isso a BFBS não obtivesse lucro em alguns locais.

Outra estratégia utilizada era a negociação na venda das Bíblias, fornecendo descontos com relação aos preços da cidade, para a população que morava no interior, com o objetivo de fazer circular ainda mais o Protestantismo. “Nós temos realmente feito propostas para os indivíduos residentes nas Províncias mais distantes, permitindo 20 por cento de desconto sobre os preços da cidade, na esperança de obter uma circulação muito maior para a Palavra Sagrada” (James Thornton, Rio de Janeiro, 28 de março de 1839).

Além disso, relatou que recebeu um pacote de folhetos em português, mas não sabia quem o enviou e, portanto, a quem deveria realizar o devido agradecimento ao favor. Fato que se torna um indício de que os agentes da BFBS também recebiam doações. “Foi recebido um pacote de 1.500 folhetos em português, sem qualquer nota ou carta, para especificar a quantidade, nem para fornecer os nomes dos amigos gentis, a quem somos gratos por esta concessão liberal” (James Thornton, Rio de Janeiro, 28 de março de 1839).

Através dessa citação, percebe-se que em 1839 o processo de inserção do Protestantismo já estava bem avançado. Basta notar a quantidade de folhetos que foram disponibilizados. Para Beda (1993, p. 89), “de toda a literatura impressa evangélica, a que é feita em tiragens maiores é o folheto”. Antes de serem colocados em circulação, esses impressos deveriam receber um acréscimo de 10% no preço, para a sua valorização, mostrando a confiança de que esse material religioso daria certo¹⁶.

Alguns membros da BFBS passaram por angústias e desapontamentos quando perceberam que tinham sido vítimas de prejuízos. A fé em Deus e o amor ao que faziam eram o que os motivavam na persistência e determinação no cumprimento de suas funções, mesmo nessas situações. Exemplo disto é o depoimento de McKay para John Jackson.

O caráter das pessoas neste país é estragado e isso acontece, infelizmente, em todos os países que estão sob influência do homem do pecado. Em vários casos, eu descobri que indivíduos que tinham um bom padrão de vida, apresentaram um ato desprezível, enviando uma pessoa má instruída, a procurar um agente fazendo a promessa de que pagaria o impresso quando fosse o caso. Depois que tomavam posse, refutava (S. R. McKay, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1826).

¹⁶ A afirmação da aplicação de 10% em cima dos valores dos folhetos é trazida na carta escrita por James Thornton, no Rio de Janeiro em 28 de março de 1839, correspondência já discutida anteriormente.

O remetente trazia em sua linguagem, uma visão preconceituosa em relação ao homem brasileiro e completava afirmando que “se eles apreciassem a Sociedade e o valor do livro que lhes foram fornecidos, tal conduta não seria vista”. Para ele, através do conhecimento da Palavra Sagrada trazida pelos impressos que “algo de honroso e louvável ainda há de vir” (S. R. McKay, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1826).

A correspondência também servia para comunicar sobre a troca de funções, seja qual fosse o motivo. Stewart Kerr escreveu para John Jackson avisando sobre a sua mais nova responsabilidade em fazer parte dessa missão, substituindo o Rev. S. R. McKay, que estava com problemas de saúde.

Em consequência do seu mal-estar, meu amigo McKay já me solicitou para tomar conta de todos os assuntos aqui relacionados com a sua sociedade. Para esta finalidade foi entregue a mim as cartas e documentos de todo o tipo relacionados com a atividade, as quais tiveram minha total atenção (Stewart Kerr, 22 de dezembro de 1827).

Esta pesquisa analisou também uma carta que trazia o pedido de demissão de um Pastor, o que demonstra que além de informar a chegada de pessoas aptas a ajudar na difusão do Protestantismo no Brasil, através das correspondências também eram feitos pedidos de demissão. Na correspondência escrita por James Thornton, foi revelada a solicitação do Pastor que estava residindo no Rio de Janeiro, informado que seria necessária a sua substituição e oferecida uma opinião sobre o novo indivíduo que ocuparia o cargo.

Nosso Pastor residente nesta cidade enviou a sua demissão, com seis meses de antecedência e a Comissão escreveu aos dirigentes em Liverpool, nomeando um Candidato a ser aprovado pelo nosso Bispo diocesano de Londres. Eu espero que ao examinar o capelão, permita-me uma dica sobre esse ponto: tenha ainda em mente que é uma nomeação a um posto Cristão, que pode exigir dos ministros que possuam uma aptidão especial para defender a Fé Protestante a partir das pesquisas da Antiguidade, e olhar para o exterior sobre as perspectivas latentes e proeminentes de sua esfera de utilidade, em geral, sem propósito de entrar na discussão de pontos contestáveis. Deve ser prudente, sábio, zeloso e um ministro Cristão. Isso meu caro senhor, não é para ser entendido como uma intimação para solicitação de um novo pastor, mas deve ser considerado como uma opinião particular (James Thornton, Rio de Janeiro, 28 de março de 1839).

O cuidado na escolha de um novo pastor foi posto em prática a partir do momento em que Thornton, mesmo sabendo que seus superiores teriam, diante da necessidade, a capacidade de substituir um de seus membros, relatou as características que o novo membro

deveria apresentar. Dessa forma, é possível concluir que tudo era cuidadosamente planejado para que, futuramente, não houvesse nenhum problema.

O pecado no Brasil também foi tema de discussão na correspondência de McKay em 1828. Ele chegou até a comparar a situação do Brasil às cidades de Sodoma e Gomorra, citadas na Bíblia. Para ele, o país estava sendo destruído pelo pecado. O otimismo inicial dos membros quando chegaram ao Brasil, a partir dessa carta, começa a se transformar em decepção.

Isso pode ser considerada uma dura conclusão, mas eu posso ser autorizado a expressar a minha opinião. Esse país está se aproximando de uma crise e nada menos que um estado de maldição. Ele está pronto para a destruição rápida, daquela que se pode esperar de onde tanto cometem atos obscuros como Sodoma e Gomorra (McKay, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1828).

O mesmo agente enviou outra carta para John Jackson, em agosto do mesmo ano, comunicando que algumas caixas de impressos, das quais ele tinha o conhecimento de sua chegada, de alguma maneira não chegaram a suas mãos. Através dos indícios, é possível concluir que o senhor Ferreira citado abaixo era um dos colportores que trabalhavam para McKay.

As 200 Bíblias e 200 Testamentos na língua portuguesa que foram enviadas para o senhor Ferreira¹⁷ foram desembarcados e apresentados na alfândega aqui em 13 de Agosto de 1827. Este cavalheiro nunca falou comigo, nem tive a menor notícia dele. Você ficará, sem dúvida, espantado e surpreso com o que falo: eu nunca tomei conhecimento da chegada de cinco caixas para o Rio contendo 300 Bíblias em Português, 200 Bíblias em Alemão e 200 Novos Testamentos em Alemão (McKay, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1828).

Já no ano de 1833, foi comunicado um roubo. McKay, depois de afirmar que compreende uma possível desconfiança de Jackson nele, por causa da demora na comunicação, informa que um homem, o qual empregou na alfândega, teria o enganado e sumido com duas caixas de Bíblias. Esse ato de empregar alguém na alfândega pode ter sido utilizado como um artifício para driblar a segurança.

Você tem de fato motivo para ficar em dúvida sobre mim – e a esta altura você me considera totalmente indigno de sua confiança. Mas, lhe informo que um indivíduo, o qual eu empreguei na alfândega, me enganou. De três

¹⁷ Por indícios, é possível concluir que o senhor Ferreira era um dos colportores que trabalhavam para McKay.

caixas de Bíblia, somente uma foi enviada ao Sr Voges (McKay, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1833).

Alguns pastores alemães também deram prejuízos aos membros da BFBS. Uma carta, cujo remetente não foi identificado, traz a informação que dos pastores alemães aos quais foram disponibilizadas sete caixas para distribuição e venda nas Colônias, apenas um pastor responsável por uma caixa apresentou “uma gorjeta completa das Bíblias distribuídas por ele” (Remetente não identificado. 24 de fevereiro de 1835).

Em outra missiva, o remetente demonstrou sua decepção em ter confiado em um despachante da alfândega para ajudar na venda dos volumes, o qual foi infiel. Relatou que nem procurou a lei, porque o seu prejuízo poderia até ser pior. A responsabilidade pelo prejuízo da BFBS foi tomada por McKay, se mostrando junto a Deus para superar, mesmo que seus esforços estivessem sendo frustrados. A força de vontade e o comprometimento com as atividades da BFBS são explícitos neste trecho. A insistência no cumprimento dos objetivos da BFBS é uma característica dos membros, até porque eram funcionários e recebiam para isso.

Eu fiz um acordo com um funcionário despachante da alfândega para ele comprar os livros pra mim e para cuidar de tudo o que fosse necessário para ser feito – Os livros foram comprados por 300 mil réis e os impostos pagos sob eles foram de 105 mil réis – A lei diz que o imposto só pode ser cobrado sobre o valor dos livros que foram vendidos, e quando este for pago, o dinheiro da compra é devolvido ao proprietário ou proveniente dos bens, e este o despachante recebeu, mas nunca me pagou, quando eu descobri já era tarde demais, o homem era sem princípios – e não poderia obter nada dele, e ter recorrido à lei neste país teria sido pior. A BFBS teve um prejuízo de 300 mil réis. Eu sou culpado, mas eu sempre tive a esperança de que o valor perdido fosse recuperado, mas para obtê-lo, todos os meus esforços têm sido frustrados. Eu sou um sofredor, eu lamento profundamente ter sido capaz de fazer tão pouco para a Sociedade. Eu tenho sofrido muitas mudanças durante meus 17 anos no Brasil, mas, o abençoado amor divino é bom amigo. No momento não tenho nenhuma perspectiva de visitar Londres (McKay, Pernambuco, 9 de junho de 1836).

Além do comunicado do prejuízo sofrido pela BFBS, McKay encerra sua correspondência informando o tempo em que se encontrava no Brasil. Até o momento da escrita da carta, eram 17 anos longe do seu país de origem, da sua cultura, dos costumes, do seu clima e de outros fatores que influenciam a sobrevivência. Apesar dos muitos anos em terras brasileiras, afirmou que ainda continuaria no país por algum tempo, já que não tinha nenhuma perspectiva de voltar a Londres.

2.2 Educação, Saúde e Questões Políticas

Além do processo de distribuição dos impressos, foram abordados assuntos sobre a educação como meio de evangelização, assim como questões pessoais e políticas. No universo da correspondência investigada nessa pesquisa, apenas duas cartas tratavam especificamente sobre a educação. Em uma delas, escrita no dia 3 de fevereiro de 1837 no Rio de Janeiro, George Harvey escreveu para um destinatário não identificado residente em Londres que a educação no Brasil era fraca, principalmente no campo. Harvey confirmou a existência de escolas de outros países no Brasil, mostrando que nem sempre tais instalações tenham obtido êxito.

O fato é que a Educação é tão atrasada que a leitura e escrita não são boas e embora as escolas sejam numerosas, as pessoas do campo não sabem o benefício delas. Dentro de poucos anos várias escolas foram estabelecidas no Rio, mas acredito que em geral, mais escolas diárias, mas nem todos são bem sucedidos. Eu ouço muito falar do número de estudantes do Noris Bims e do Colégio de Emulação, o primeiro Inglês e o último Francês (George Harvey, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1837).

Em 1837, já existiam escolas estrangeiras no Brasil. Segundo Harvey, as mais citadas eram uma inglesa e uma francesa. Isso demonstra que alguns países estavam interessados em inserir a educação no Brasil, visando obter algum retorno que fosse religioso ou não. Além disso, caracterizou o ambiente escolar. “Os meninos, com suas folhas de papel, iam para o lugar mais próximo conveniente, por vezes, um galpão aberto, onde o professor pode melhor satisfazer os pais sobre a distância de casa e depois de duas ou três horas os meninos retornam para casa” (George Harvey, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1837).

O local de estudo dessas escolas era, segundo Harvey, ajustado às necessidades da região. Com o acesso à educação, mesmo vinda do exterior, os brasileiros tinham a oportunidade de aprender a ler e escrever, atingindo o mínimo de dignidade. Vale ressaltar que eram raros os homens que tinham algum conhecimento sobre a religião.

Em geral os habitantes exigem ideias muito mais esclarecidas e um conhecimento muito maior sobre as vantagens da Educação antes da distribuição útil das Sagradas Escrituras ser efetuada. Claro que na cidade você vai encontrar brasileiros inteligentes mais esclarecidos, mas acontece raramente (George Harvey, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1837).

Já na missiva datada de 14 de junho de 1838, enviada por Arthur Maister, no Rio de Janeiro, para o Rev. A. Brandram, em Londres, traz a preocupação em distribuir as Bíblias nas escolas privadas, mostrando que o interesse não estava apenas na distribuição para as escolas públicas. Acreditava-se que, assim, seria mais fácil o direcionamento dos nativos aos ideais protestantes.

Eu tenho, portanto, me aventurado a colocar metade do pacote à sua disposição confiando que vou transmitir os desígnios da BFBS. O resto eu reservo para as oportunidades casuais e, especialmente, para a distribuição nas Escolas Privadas e isso em minha opinião, acabará por revelar o modo mais eficaz de direcionar a atenção dos brasileiros para a PALAVRA da Verdade (Arthur Maister, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1838).

Essa era mais uma estratégia de difusão dos impressos protestantes no Brasil, visando à implantação definitiva do Protestantismo no país.

Muitos eram os problemas enfrentados pelos agentes e seus parentes no país onde eles estavam trabalhando. No ano em que Portugal reconheceu a Independência do Brasil, em 1825, Edmund Pink comunica a morte do cunhado e agente George Thomas Standfast a John Jackson, Secretário Assistente da BFBS que estava em Londres.

[...] é extremo o pesar e a tristeza. Eu tenho que relatar para você a morte de Standfast. Ele fechou seus olhos para sempre na sexta-feira, 10 de dezembro, após alguns dias de doença com uma febre nervosa e sua morte imediata causada pela hidrocefalia. Nele eu perdi uma pessoa muito amável e um excelente amigo e conselheiro. Ele deixou uma esposa, minha irmã e uma jovem família de três crianças [...] (Edmund Pink, Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1825).

Além de companheiros de trabalho, existiam graus de parentesco entre eles. No trecho acima está claro que Edmund Pink comunica a morte do próprio cunhado. O compartilhamento de experiências que advém dessa troca de correspondência é realçado por Cunha (2002) quando afirma que:

O ato de escrever cartas pessoais/íntimas consiste em confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, através das palavras. Trocar cartas, corresponder-se, escrever para alguém são formas de se expor, de compartilhar experiências, construir elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros (CUNHA, 2002, p. 184).

Através dessas experiências compartilhadas, foi possível compreender a maneira como esses indivíduos se relacionavam entre si, numa terra até então desconhecida por eles.

Outra carta que também está relacionada a questões pessoais, foi escrita por Dondford em Cambridge e enviada para o Steinkoffpt, situado em Londres, demonstrando sua felicidade em saber que sua esposa, Sra. Steinkoffpt, havia melhorado de uma doença, afirmando que estava “verdadeiramente alegre em ouvi-lo melhor, e saber que a querida Sra. Steinkoffpt recuperou sua saúde. Eu também tive uma longa e grave doença: mas tudo foi resolvido na misericórdia” (Dondford, Cambridge, 24 de março de 1820).

Em 14 de junho de 1838, foi enviada uma carta por Arthur Maister, do Rio de Janeiro para, o Rev. A. Brandram, em Londres, a qual traz a sua opinião sobre a falta de conhecimento religioso dos brasileiros, principalmente entre as mulheres:

O conhecimento religioso está em uma baixa lamentável aqui. Entre os brasileiros educados e portugueses, o Deísmo prevalece com uma extensão. Os mais baixos decorrem em geral nas mulheres, prestam, no entanto, alguma atenção às pompas e cerimônias da sua igreja, sendo estas, suas noções de Religião (Arthur Maister, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1838).

Foi também registrado que Diogo Antônio Feijó era um regente que defendia o casamento do clero, evidenciando sua visão liberal. Além disso, Rev. Maister traz a ideia de Feijó de introduzir o uso das Bíblias nas Escolas Públicas, fazendo com que a população se voltasse contra o próprio, pois além de ser a Bíblia Protestante, ela não era traduzida por católicos e sim pelos próprios protestantes, de acordo com a interpretação de cada um. Contudo, o agente da BFBS mostra-se sem esperanças no determinado trimestre com relação à distribuição das Bíblias.

Feijó, o último regente (um homem como o Sr. Harvey, que declara as ideias liberais, e um defensor para o casamento do clero) foi obrigado a renunciar devido à forte oposição levantada contra ele, especialmente pela classe clerical. E se ainda estivesse no cargo, ele dificilmente prevaleceria ao ficar exposto ao ódio popular fatalmente presente, sobre a introdução nas Escolas Públicas de Bíblias da imprensa Protestante. Todas as esperanças deste trimestre, no entanto, eu temo que sejam inteiramente “esmagadas” (Arthur Maister, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1838).

Segundo Maister, Feijó estava os ajudando e ao mesmo tempo causando revolta na população brasileira, que não aceitava o seu apoio à introdução de Bíblias protestantes nas escolas públicas brasileiras. Em outra parte da missiva, é comunicado o apoio de D. João VI,

ao permitir a construção de uma capela para a realização do culto protestante. Esse era um avanço significativo no trabalho de inserção do Protestantismo no Brasil, mesmo com a condição de que só poderiam participar desses cultos os próprios protestantes.

A carta pela qual Dom João concedeu a licença britânica para construir uma capela e celebrar culto público, expressamente proíbe o Capelão de tentar fazer prosélitos e o simples fato da minha distribuição entre os brasileiros de cópias das Sagradas Escrituras sem as notas Católicas Romanas, seria imediatamente interpretada como uma infração dos seus termos (Arthur Maister, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1838).

Quanto às Bíblias, só era permitida a distribuição das que tinham as notas católicas romanas. Caso fosse desobedecida essa instrução, estariam violando os termos da licença.

Além da ajuda de D. João VI¹⁸, foi também permitida a distribuição entre os colonos pobres, pelo Rei da Prússia. Pelo conteúdo da carta, é possível afirmar que o remetente, até então desconhecido, estava localizado no Sul do Brasil, na Província do Rio Grande do Sul.

O Rei da Prússia me permitiu fornecer para os colonos pobres 200 hinários e 100 catecismos. Embora minha residência nesta terra estrangeira muito provavelmente não continuará por muito mais tempo, os prodígios da igreja da congregação alemã nesta cidade terão o prazer em executar qualquer comissão bíblica, realizando as funções de uma Sociedade Bíblica. As Bíblias que ainda estão em minhas mãos, também serão colocadas sob sua responsabilidade no caso da minha partida deste país (Remetente não identificado, 24 de fevereiro de 1835).

Nesse trecho, identifica-se que além da distribuição de Bíblias e Novos Testamentos, também eram disseminados hinários e catecismos.

Outro tema presente em uma das cartas é a busca do prestígio político por parte do agente McKay, quando se candidata a Cônsul¹⁹: posição importante nas Colônias do Sul e a qual provavelmente facilitaria a distribuição dos impressos. “Finalmente eu me candidatei para Cônsul da Prússia, que tem uma direção principal nos assuntos das Colônias no Sul. Será

¹⁸ Segundo Jorge Nascimento (1999, p. 85), “apesar do estímulo recebido por parte do Estado, a expansão do Protestantismo no Brasil enfrentou muitas dificuldades, face aos preconceitos e hostilidade por parte da grande maioria de católicos brasileiros para com as pessoas que não praticavam aquela religião.” Isso não quer dizer que não havia pessoas se convertendo. Essas dificuldades não impediram que “um número cada vez mais elevado de brasileiros tivesse se convertido ao Protestantismo no século XIX. A conversão era sempre difícil, até porque, sob o senso comum religioso dominante, a religião fundada por Lutero era representada como ‘manifestação demoníaca’, como prática ligada à feitiçaria”.

¹⁹ Essa atitude de se candidatar a um cargo político demonstra que os integrantes da BFBS eram pessoas importantes e aptas para assumir uma posição social alta na sociedade, ou seja, eram pessoas de destaque dentro da configuração social brasileira.

feita a distribuição gratuita entre os colonos e, em seguida, encaminharei ao seu destino sem gastos para a Sociedade (McKay, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1833)”.

Quando é demonstrada a preocupação com os gastos da Sociedade, como é o caso do trecho acima, é possível concluir que a busca desse prestígio político servia como uma estratégia para conseguir a circulação de mais impressos protestantes entre as Colônias do Sul e, conseqüentemente, ter menos gastos.

Um resultado satisfatório para a BFBS é trazido em uma carta escrita por James Thornton, em 1837. A carta registrava seu entusiasmo ao perceber que já estava agradando a uma parte da população brasileira e pelo interesse de brasileiros em adquirir a Bíblia protestante que, na verdade, era a mesma versão publicada pela Igreja Católica.

Fico feliz em relatar um desejo crescente entre as famílias e indivíduos para possuir o Tesouro Sagrado; eles estão literalmente mergulhando nas Escrituras com fome e sede de justiça. A nossa excelente liturgia, que até agora estão sendo traduzidas a fim de serem adaptadas para uso geral, tem sido muito estimadas pela população brasileira (James Thornton, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1837).

É importante destacar que o conteúdo trazido nesta carta diz respeito somente a um lugar específico do Rio de Janeiro em que o agente se encontrava. Portanto, não é recomendável a generalização das informações para o resto do Brasil.

Outra carta, escrita por Standfast e enviada para um destinatário que não foi identificado, trouxe, inicialmente, a eclosão de uma grande “tempestade” de 12 a 16 de novembro de 1823 que dissolveu a Assembleia²⁰, responsável pela formação da Constituição²¹. A carta é datada de 10 de maio de 1824, ano em que a Constituição foi outorgada.

(...) nós previmos a tempestade que eclodiu em 12/16 de Novembro de 1823 que dissolveu a Assembleia até então ocupada na formação da Constituição. A tempestade passou e nós confiamos que a calma posterior pode revelar-se melhor pela liberdade civil e religiosa do que qualquer momento que o precedeu. A nova Constituição foi bem sucedida de acordo com a ordem

²⁰ A conquista da Independência “não esfriou a atmosfera. [...] No Brasil, não se descuidava do que se passava em Portugal”. Através das notícias sobre o golpe militar, conhecido como VilaFrancada, em junho de 1823, fecharam-se as cortes e foi restabelecido o poder absoluto de D. João VI. Já em novembro, foi dissolvida a Assembleia, por D. Pedro I. Foi necessário resistir “à tentação de governar sem freios e, em 1824, outorgou no país uma Constituição de espírito liberal, redigida por um Conselho de Estado nomeado por ele” (SILVA, 2011, p. 29-30).

²¹ Através da Constituição de 1823, foi concedida “uma livre tolerância a toda religião, [...] mas a fé católica romana, continua sendo a única respeitada e mantida pelo Estado” (E. J. Standfast, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1823).

legítima das coisas, esta, provavelmente, conhece melhor do que nós o desejo individual brasileiro (E. J. Standfast, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1824).

Em outro trecho da correspondência, o remetente relatou que “o desejo de instruções, no entanto ainda aumenta” devido à conquista da liberdade civil e religiosa, através da nova Constituição. Logo, o membro da BFBS poderia trabalhar mais tranquilo e confiante, aumentando suas chances de alcançar os seus objetivos da BFBS (E. J. Standfast, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1824).

Portanto, através da análise da correspondência foi possível identificar de que maneira se deu a circulação dos impressos protestantes e qual era a posição dos membros da BFBS no tocante à situação educacional no Brasil. Logo, foi possível verificar a maneira sistemática com a qual os integrantes da Sociedade Britânica agiram no país durante o período de 1818 a 1839. A organização e a cautela foram características presentes na maioria da documentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos poucos, através da análise das entrelinhas de cada documento, fui me aproximando de um passado, a fim de contribuir para a História da Educação Brasileira. Debruçar-se sobre as fontes e “[...] reconstruir mundos é uma das tarefas essenciais do historiador, e ele não a empreende pelo estranho impulso de escarafunchar arquivos e farejar papel embolorado – mas para conversar com os mortos” (DARNTON, 1987, p. 7).

Ao analisar a documentação, foi detectado que as cartas que pertencem a esse primeiro lote, o qual esta investigação analisou, representam a troca de informações entre agentes e dirigentes da BFBS. A afirmação de que os indivíduos que estavam no Brasil escrevendo e recebendo cartas eram agentes e não colportores deve-se ao fato de que, em alguns momentos, esses indivíduos se referiam a alguma pessoa informando ser seu correspondente em determinada região. Um exemplo é uma das cartas escritas pelo agente McKay. Ele traz algumas informações do cotidiano, ao mesmo tempo em que comenta que o Sr. Ferreira e o Sr. Voges são seus colportores.

Além desse fator, classificá-los como agentes também vem da percepção de que os colportores não mandavam cartas para os dirigentes britânicos. Quem tinha essa função era apenas o agente que seria responsável por todos os colportores situados na região que estava sob sua jurisdição. Os colportores se comunicavam apenas com seu agente.

Foram localizados 23 indivíduos na correspondência analisada. Dentre eles, 14 eram agentes e oito dirigentes da BFBS e, provavelmente, um agente da ABS. Pelo fato de ter localizado a correspondência de um agente que estava na Filadélfia, subentende-se que ele faz parte da ABS. Portanto, é possível concluir que as duas Sociedades Bíblicas, além de trabalharem com o mesmo objetivo, dividindo territórios, também trabalhavam em conjunto.

Verificou-se o uso do verso das cartas para o endereçamento do destinatário e a identificação do remetente, de modo que, quando dobrada, o verso ficasse visível. Pode-se identificar em algumas cartas a preocupação da maioria dos remetentes e destinatários em explicitar as datas de envio e recebimento, respectivamente, das cartas trocadas entre eles, garantindo assim um melhor controle do fluxo da correspondência. Com essas informações pôde-se rastrear o seu local e o período de atuação em determinada Província brasileira.

A hipótese de que a ação dos membros da BFBS auxiliou na implantação de igrejas e escolas protestantes no Brasil, foi confirmada quando em algumas cartas ficam explícitas a preocupação em distribuir o material também para os analfabetos. A estratégia de conseguir

seguidores para o Protestantismo pautava-se na educação daqueles que não tinham a oportunidade de aprender a ler e escrever. O fato de poder proporcionar o acesso aos impressos à parcela mais pobre era muito significava, já que para os membros tal parcela poderia se tornar protestante e, até mesmo, ajudá-los na divulgação da Palavra. Segundo Vasconcelos (2010):

A fundação de estabelecimentos de ensino pelos protestantes pretendia cumprir três papéis: a difusão da cultura protestante por meio de métodos educacionais modernos; formar uma elite intelectual influenciada pelos valores e princípios da cultura adventícia; e, finalmente, pregar às famílias cujos filhos estudassem nas escolas protestantes (VASCONCELOS, 2010, p. 74-75).

Ou seja, tudo estava voltado para o crescimento de adeptos ao Protestantismo para que, conseqüentemente, a criação de igrejas fosse mais fácil. Vale ressaltar que o estudo em questão refere-se ao período de chegada dos ingleses ao Brasil e todo e qualquer avanço nesse período inicial de instalação deve ser considerado significativo.

Os impressos que foram distribuídos no Brasil no período delimitado são de cinco tipos: Bíblias, Novos Testamentos, Folhetos, Catecismos e Hinários. O impresso mais distribuído entre os listados foi a Bíblia. O preço da Bíblia era três vezes maior do que o do Novo Testamento. Os folhetos eram uma “publicação não periódica, com no máximo 48 páginas” e o seu preço estava por volta de 40 réis (RABACA, 1995, p. 274).

Já os catecismos são considerados “instrumentos pedagógicos utilizados para padronizar os modos de pensar, modelando as práticas do meio evangélico, via educação” e os hinários “foram projetados para uso dos membros das igrejas e tinham um caráter pedagógico, à medida que possibilitavam, inclusive aos iletrados, ao aprenderem a música, a incorporação da doutrina e trechos da Bíblia” (ALMEIDA, 2013, p. 79). Os dois últimos são pouco vistos nas cartas. Vale ressaltar que esses impressos já chegavam ao Brasil, traduzidos e prontos para a distribuição.

Depois de analisar todas as 28 cartas que correspondem ao período de 1818 a 1839, pode-se concluir que entre esses 21 anos em que estavam nas Províncias do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, os agentes e seus colportores distribuíram centenas de exemplares dos impressos.

Mesmo com todas as dificuldades e empecilhos que surgiam durante os trabalhos, é perceptível o entusiasmo e força de vontade com que os membros da BFBS exerciam suas funções. Em meio a um clima totalmente diferente do seu país de origem, à disputa do campo

religioso, à notícia de morte do colega de trabalho, a missão da BFBS se manteve forte em seus ideais. Segundo Silva (2011),

O europeu protestante devia ser olhado com desconfiança. Por mais polido e afável, era um herege. No entanto, aqueles que escreveram livros sobre a estada no Brasil não se queixam de terem sido maltratados por diferença de fé. Reclamam dos governantes, do calor, dos mosquitos, da sujeira das ruas, de costumes que lhes pareciam esdrúxulos, e têm alguns deles, palavras duras de repúdio à escravidão, mas são quase unânimes em louvar e agradecer a hospitalidade afetuosa da gente da terra. Até por padres e mosteiros foram recebidos, e bem recebidos, para jantar (SILVA, 2011, p.68).

Fazer circular uma literatura diferente daquela que era conhecida no Brasil, “propõe opiniões, recusa as normas, suspeita da autoridade e reconstrói as hierarquias” (DARNTON, 1992, p. 11). Seus lemas de progresso e modernidade foram compartilhados juntamente com esses impressos que chegaram às mãos de milhares de brasileiros. A prova disso é a adesão ao proselitismo por parte de alguns destes.

Em uma carta de 1837, foi identificada uma pequena congregação protestante. Logo, é possível chegar à conclusão de que já existiam pontos de pregação no Brasil naquele ano, antes mesmo de 1858, quando:

“Robert Reid Kalley fundou a Igreja Evangélica Fluminense (IEF), na capital do Rio de Janeiro, a fim de desenvolver no espaço atividades de evangelização entre os brasileiros. Tornando-a a primeira Igreja Protestante, que funcionou com atividades em língua portuguesa, e que atendia a indivíduos de diferentes níveis sociais” (ALCANTARA, 2012, p. 48).

A identificação desse ponto de pregação durante a execução desta pesquisa é muito importante já que, até então, era conhecida como a primeira igreja protestante no Brasil a IEF, fundada pelo agente Kalley.

Desde 1808, depois da chegada da Família Real ao Brasil, que as relações diplomáticas entre Brasil e Inglaterra tornaram-se intensas. A Inglaterra se beneficiou bastante com a abertura dos portos da colônia, feita por D. João VI. Além de a Inglaterra enviar esforços humanos e financeiros ao Brasil para a inserção definitiva do Protestantismo, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira recebeu uma ajuda muito significativa do Império Brasileiro. Quando D. João VI permitiu a entrada dos impressos protestantes livre de impostos pela Alfândega estava sendo favorável à implantação do Protestantismo, já que ele tinha noção do tamanho da organização administrativa que eram essas Sociedades Bíblicas, interessando-se economicamente. Mesmo atribuindo regras a serem seguidas pelos integrantes

da BFBS na distribuição dos impressos, D. João VI estava ajudando diretamente na consolidação dos objetivos da Sociedade. Portanto, os ingleses tiveram um grande aliado na difusão dos impressos protestantes no Brasil. Para Jorge Nascimento (1999, p. 83),

O crescimento do Protestantismo no Brasil foi, não só tolerado, como intensivamente estimulado pelo Estado monárquico, desde os primeiros anos da independência, no bojo da política de substituição da mão-de-obra escrava. Um dos primeiros registros que se pode encontrar em tal sentido é o decreto do dia 11 de março de 1825, editado pelo governi do Brasil – Estado que tinha o Catolicismo como religião oficial e vedava aos não católicos o acesso aos cargos de administração pública – estabelecendo em 400.000 anuais o salário do pastor protestante Frederico Sawerbrun, responsável pelas almas da colônia de Nova Friburgo. O salário era pago pelo Tesouro Público (NASCIMENTO, J., 1999, p.83).

Apesar de trazer algumas contribuições com a seguinte investigação, é válido destacar que o tema em questão tem muito a ser estudado. Tendo em mente que o pesquisador consegue apenas retirar alguns indícios e marcas deixadas pelas fontes que sobreviveram ao tempo, os resultados aqui trazidos foram elaborados a partir da minha experiência no campo da pesquisa. Portanto, essa investigação procurou contribuir com os estudos sobre a inserção do Protestantismo no Brasil através da educação e, conseqüentemente, com a História da Educação Protestante.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Priscila Silva Mazêo. **O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855-1876)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, Aracaju, 2012.
- ALMEIDA, Mirianne Santos de. **Livros e leitores: saberes e práticas educacionais e religiosas na *Coleção Folhetos Evangélicos* (1860-1938)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, Aracaju, 2013.
- BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 23-79.
- BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Laços de Papel. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (Orgs.). **Destino das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 5-9.
- BASTOS, Maria Helena Camara. De pai para filha. Cartas sobre a educação de Cora (1849). In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). **Destino das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 89-113.
- BEDA, Ephraim de Figueiredo. **Editoração evangélica no Brasil: troncos, expoentes e modelos**. Tese (Doutorado em Comunicação) - USP/ECA, São Paulo, 1993.
- BERTINATTI, Nicole. **A Escola Dominical Presbiteriana como divulgadora de saberes e práticas pedagógicas religiosas (1909-1928)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, Aracaju, 2011.
- BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 7-37.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.
- CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Marfins de. Escreva-me urgente... Um estudo dos elos comunicativos na carta. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). **Destino das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 159-180.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CUNHA, Maria Tereza Santos. Por hoje é só... Cartas entre amigas. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). **Destino das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 181-204.

DARTON, Robert. **Boemia literária e revolução**. O submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DARTON, Robert. **Edição e sedição**: o universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DARTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XIX. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DAUPHIN, Cécile. POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver. Cartas familiares do século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destino das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-87.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.

GRESPLAN, Jorge. Considerações sobre o método. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 291-295.

LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território plural**: A pesquisa em História da Educação. São Paulo: Ática, 2010.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. Cartas pedagógicas. Fragmentos de um discurso. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destino das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 205-215.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Artesãos da palavra. Cartas a um prisioneiro político tecem redes de ideias e afetos. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destino das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 115-136.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A Escola Americana**: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913). São Cristóvão: Grupo de Estudos em História da Educação/NPGED/UFS, 2004.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Imprensa protestante nos Oitocentos**. Projeto de Pesquisa. Aracaju: Unit/NPED, 2007.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar**. Uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: UFAL; Aracaju: Unit, 2007b.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Livros, leitores e práticas culturais no Instituto Ponte Nova. In: CASTRO, César Augusto; PINHEIRO, Antônio Carlos F.; LOPES, Antônio de Pádua C. **Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte e Nordeste**. São Luís: EDUFMA:UFPB:Café & Lápis, 2011a. p. 121-141.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. A teoria sobre associações voluntárias como matriz interpretativa das instituições escolares protestantes no Brasil. In: XAVIER, Libânea. TAMBARA, Elomar. PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **História da Educação no Brasil: Matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI**. Vitória: EDUFES, 2011b. p. 355-377.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A cultura ocultada ou a influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX**. Londrina: Ed. UEL, 1999.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas. **Revista Horizontes**. Bragança Paulista: Universidade São Francisco. V. 19, p. 11-27, Jan/Dez, 2001.

RABACA, Carlos Alberto. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, Alberto da Costa e. As marcas do período. In: SILVA, Alberto da Costa e (Coord.). **História do Brasil Nação (1808-2010). Crise colonial e independência (1808-1830)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 23-33. Vol. 1.

SILVA, Alberto da Costa e. População e Sociedade. In: SILVA, Alberto da Costa e (Coord.). **História do Brasil Nação (1808-2010). Crise colonial e independência (1808-1830)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 35-73. Vol. 1.

SILVA, Sandra Cristina da. **Educação de papel: impressos protestantes educando mulheres**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América: sentimentos e opiniões**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Vol. 2.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1980. 2ª ed.

Rules for the Guidance of Translators, Revisors, & Editors, working in connection with the British and Foreign Bible Society. In: NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Associações Voluntárias, Saberes e Práticas Educativas e Impressos Protestantes nos Oitocentos: A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a Sociedade Bíblica Americana**. Aracaju: FAPITEC/SE, 2009.